



Amor Assassino

BRUNA PEREIRA CAETANO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Amor Assassino

BRUNA PEREIRA CAETANO

A minha professora de Português na terceira e quarta séries, Dona Jane, que me mostrou o mundo dos livros, me incentivando a escrever, tanto redação quanto poesia e me deu o apoio certo na hora certa.

Certo e Errado

O que se sabe sobre o certo e o errado? Se a pessoa escolheu, então para ela é o certo, correto? O que é errado para uns pode ser certo para outros. Então, analisando bem, o errado não existe quando se fala de si próprio, pois, se escolhemos, foi porque para nós aquilo é certo, correto?

Errado. Porque muitas vezes, escolhemos o caminho mesmo sabendo que ele é errado. Às vezes o errado parece tão certo que se torna certo por si só. Mas, muitas vezes, o errado é sempre errado, e mesmo assim nosso coração nos guia até ele, o que torna a escolha certa. No fim, o errado e o certo não existem, tudo depende do ponto de vista de cada um. Confuso, não?

- B.P.C.

Prólogo

Eu nunca imaginei que provaria de alguém tão cruel e ao mesmo tempo tão... doce.

Nunca imaginei que viveria uma paixão tão intensa e ao mesmo tempo tão... errada.

Mas aqui estou eu, provando mais uma vez dos lábios mais lindos e deliciosos do planeta, que pertencem à pessoa mais incrível do universo.

Aqui estou eu, provando de um assassino bem pago e totalmente maravilhoso, pelo qual eu sou completamente apaixonada e que tem que me matar.

Aqui estou eu, ciente disso e não me importando tanto quanto deveria, considerando o fato de que ele matou a minha família.

Mudada

Olhei para o crepúsculo roxo que brilhava ofuscante no céu. O vento brincava com meu cabelo trazendo-me um arrepio confortável. Uma lágrima quente e úmida desceu involuntariamente pelo meu rosto e eu a enxuguei antes que alguém visse. Respirei fundo, uma, duas, três vezes. Olhei para a foto firme em minhas mãos. Eu, meus pais e meu irmão e então me lembrei. Me lembrei de quando era pequena, quando chovia forte e minha mãe me embalava em seus braços; Ou quando meu irmão me abraçava e me reconfortava; Quando meu pai me levava para soltar pipa; Os almoços em família todo domingo que eu tanto odiava. Me lembrei de tudo como um “flash” dos momentos felizes, e não aguentei. Eu me encolhi na espreguiçadeira e chorei.

Chorei porque nunca mais sentiria o toque doce e quente de minha mãe, nunca mais ouviria os sermões do meu pai e as gírias do meu irmão. Nunca mais teria que me preocupar com a reação dos meus pais com o meu desempenho na escola, ou com o que meu irmão faria quando eu começasse a namorar. Nunca mais veria a cara de preocupado do meu pai quando adoecia. Nunca mais compartilharia grande parte dos meus segredos com meu irmão e não ouviria mais os seus segredos... E sabe por quê? Porque eles estão mortos. Todos eles foram brutalmente assassinados por, como os policiais dizem, drogas. A versão da polícia era que meu irmão devia dinheiro para um traficante. Então ele invadiu minha casa, mas se deparou com toda a família. Ele foi visto e matou a todos. Eu só sobrevivi porque fui à festa de quinze anos da minha melhor amiga, Tatiana.

Era por volta das três da manhã, eu me divertia loucamente na festa, mal sabia que enquanto me descabelava toda, minha família era brutalmente assassinada em minha casa. Eu me divertia como nunca, quando me bateu um pressentimento de que algo horrível estava acontecendo e que tinha que ir embora. Desesperada, puxei o celular da minha bolsa e liguei para casa. Primeira chamada: caixa-

postal, segunda chamada: caixa-postal, terceira chamada: caixa-postal. Aconteceu isso todas as cinco vezes que liguei, então fui pedir carona. Consegui com a minha amiga Carla, mas ela não queria ir ainda, então tive que esperar por mais meia hora.

Finalmente Carla resolveu ir, o pai dela veio nos buscar com cara de cansado, mas aceitou me levar em casa, com um sorriso simpático no rosto. Ele parou o carro em frente à garagem, eu desci e toquei a campainha, mas ninguém atendeu. Toquei de novo duas vezes e ninguém atendeu. O pai de Carla esperava pacientemente, mas eu não queria fazê-los esperar muito, então procurei a chave reserva que ficava escondida em cima da porta. Não tive que me esticar tanto para pegá-la, já que estava de salto. Entrei em casa hesitante, pois o pressentimento havia voltado, mas bem pior.

Com a porta ainda aberta, não foi preciso mais de três passos, para ver a pior cena da minha vida. Minha mãe, minha doce e amada mãe, jogada no chão da sala toda ensanguentada, me fitando com os olhos abertos, sem piscar uma vez sequer, o rosto sem expressão. Não foi difícil imaginar que o último momento que passara ali fora de muita dor. Gritei. Gritei alto, muito alto. O grito mais carregado de desespero, dor e ódio que eu já dei e ouvi em toda a minha vida. Não demorou para que Carla e seu pai entrassem e vissem o que acontecera ali. Carla me abraçou enquanto seu pai pegava o celular. Mas eu os ignorei.

Minha visão estava turva e eu sentia algo quente e úmido descer pelo meu rosto, mas ainda podia ver os olhos. Os olhos dela, azuis, perfeitos, frios e sem emoções. Estremeci com a lembrança e me encolhi ainda mais na espreguiçadeira. Era como se eu pudesse vê-los agora. Encarando-me, implorando por socorro. A polícia achou o corpo do meu pai ao pé da escada e o do meu irmão em seu quarto, onde também encontraram escondidos em uma gaveta, papétes vazios de maconha. Eu sabia que era mentira, meu irmão não usava drogas, eu tinha certeza! Ele me contaria se usasse! Sem contar que eu ia a quase todas as festas com ele que nem sequer bebia! E ele já tinha dezoito anos! Eu pude afirmar que sumiram objetos de valor da casa.

Eu senti alguém me abraçando e olhei para cima. Minha tia me envolvia ternamente, com os olhos cheios de lágrimas. Enquanto eu estava ali, ela e minha avó discutiam se eu ficaria aqui na cidade ou se eu me mudaria com a minha tia. Elas não me perguntaram o que eu pensava, mas não me importei, eu não tinha mais certeza se que queria ficar aqui onde tudo me levava a lembranças dolorosas.

- Querida – ela sussurrou limpando a umidade dos olhos – eu e sua avó estávamos conversando sobre onde você vai morar e decidimos que seria melhor que você se mudasse comigo. Tudo bem?

Eu dei de ombros e ela me abraçou firme. A minha tia Jéssica era incrivelmente linda, com seus cabelos loiros caindo até a cintura e seus olhos castanhos cor de mel. Não era só a sua aparência que pertencia a uma adolescente, como também sua mente. Algumas vezes eu poderia ser mais responsável que ela, mesmo sendo meio rebelde.

- Levarei você para casa para juntar suas coisas. – olhei-a desesperada.

Eu não punha o pé naquele lugar desde que tudo acontecera, há quatro dias. A casa da minha avó tinha sido o meu refúgio seguro, com apenas algumas mudas de roupas, pois a polícia pediu que eu não pegasse tudo, poderiam ser pistas.

Todos os objetos do meu quarto agora estavam liberados e eu poderia pegar tudo e “começar de novo”, como disse o policial, se eu quisesse. Lembro do interrogatório que fizeram, me perguntando desde coisas mais estúpidas a coisas que eu jamais saberia. O meu pai era dono de uma grande empresa de cosméticos, muito famosa fora do Brasil, e tudo sobre a empresa dele (quase tudo, já que eu sabia que as maquiagens eram *muito* boas) eu desconhecia. Ele não era de revelar coisas do trabalho em casa, pelo menos não na nossa frente!

– Você tem que ir pegar a suas coisas! Eu sei que será difícil, mas eu estarei com você! – Ela me apertou mais forte – E você não espera ir para Luária com essas suas poucas coisas aqui, não é mesmo?

Ah sim, como eu pude me esquecer de Luária? Uma pequena cidade no interior de Minas Gerais, onde a minha tia tinha se enfiado depois de terminar a faculdade de odontologia. Aquele lugar não tinha muito que revelar. Era uma típica cidadezinha do interior, onde é comum se ver cavalos passeando na rua! Eu tinha ido passar três dias lá no último verão e devo admitir que planejava nunca mais voltar. Estremeci com o pensamento de sair de casa e encontrar vacas pastando no terreno ao lado e comecei a considerar a idéia de pedir para ficar com a minha avó, o que certamente magoaria a tia Jé. Respirei fundo e assenti. Minha tia deu um fraco sorriso.

- Partimos amanhã de manhã, pode se despedir de seus amigos hoje à noite. – Ao dizer isso ela me deu um beijo na testa e se levantou. Enquanto ela saía, eu fitava o reflexo da lua na água da piscina, vagando em pensamentos de como seria a minha vida na nova cidade.

O despertador tocou e eu tateei a mesa-de-cabeceira até encontrá-lo e desligá-lo. Ergui-me e me troquei sem tirar de minha cabeça que hoje eu voltaria a casa. A casa que fora cenário dos meus terríveis pesadelos e estremeci. Com um longo e pesado suspiro fui até a cozinha e me sentei para tomar café, mesmo não estando com fome. Minha tia e minha avó perceberam a minha tensão, mas nada disseram, provavelmente porque elas sabiam que eu estava assim por causa da casa. Todo o trajeto até ela foi silencioso. Eu pensava em como sentiria saudade daquela paisagem que passava pela minha janela. A “festa” de despedida ontem tinha sido triste e dolorosa. Despedir-me de meus amigos fora horrível, principalmente de Carla, que tinha visto a cena, assim como eu.

Minha tia parou o carro em frente à “mansão” Martinz e meu coração congelou tanto quanto a minha expressão. Respirei fundo antes de descer do carro e parar em frente à porta. Peguei a chave que eu guardara comigo todo esse tempo e a girei na fechadura. Senti minha tia ficar tensa enquanto eu abria a porta e entrava. A casa estava exatamente como da última vez que eu a vira, vazia. Os móveis ainda estavam ali, mas a casa parecia extremamente vazia. Suspirei pesadamente e entrei, e mais uma vez as lembranças vieram à tona. Lembrei-me de tudo. Eu parei na sala e olhei para a

enorme mancha de sangue no chão. Perdi o ar por alguns segundos, então me agachei ao lado da mancha e chorei. Apertei a mão firme em minha barriga para me impedir de vomitar e quase encostei a minha testa no chão, as lágrimas caindo sobre a mancha. Só então notei uma mão sobre ela, e ergui o rosto. A minha tia também chorava, as mãos no lugar onde estivera o corpo de sua irmã. Só então notei como os rostos das duas eram parecidos. O mesmo formato dos lábios cheios, o mesmo nariz... Agora retorcidos, com a mesma careta de dor.

Não sei quanto tempo ficamos ali, mas minha tia pediu para que eu arrumasse as minhas coisas logo. Eu obedeci tocando a mancha enquanto me levantava. Juntei minhas coisas rápido, colocando todos meus pertences em sete malas (eu iria *morar* lá!). Antes de ir embora, peguei algumas coisas no quarto do meu irmão e mais algumas no quarto dos meus pais. Peguei todas as bijuterias e jóias da minha mãe e também algumas roupas. Pedi para minha tia ligar para a polícia e informar o que eu havia levado.

No caminho para Luária, eu pensei sobre a nova vida que teria, sobre o “recomeço” de que o policial falara. Pensei em como a minha vida tinha mudado de uma hora para outra. Quando saí de casa para ir a uma festa, tinha uma família. Quando voltei, era órfã. Mas não era só a minha vida que havia mudado. Eu não era mais a mesma. Eu tinha a impressão de que nunca mais sorriria de novo. Quando mataram a minha família, mataram um pedaço de mim também. Levaram parte da felicidade, parte do sorriso, parte do amor. Eu me vingaria, não importava que fosse a última coisa que eu fizesse. Não sei se tenho um instinto assassino o suficiente para *matar*, jamais me rebaixaria a tal nível, mas tenho instinto para me *vingar*. E eu me vingaria. Provavelmente prendendo o cafajeste que me matou junto com minha família. Sinceramente, não me importa como, apenas que *eu* faça.

No dia da morte dos meus pais, a Melissa Martinz morreu, mas se ergueu no seu lugar uma nova Melissa, uma Mel melhor e mais inteligente, mais esperta e definitivamente, mais *infeliz*. Uma Melissa que não tem mais capacidade de amar. Uma Melissa... Mudada.

Acolhida

Acordei com a minha tia me sacudindo. Ela parecia um tanto estressada enquanto falava meu nome repetidas vezes.

- Só mais cinco minutos mãe! – eu disse enquanto me virava. Uma dor aguda tomou conta das minhas costas e levantei arfando. Só então notei que dormira no banco reclinado do carro. Coloquei a mão nas minhas costas e olhei para minha tia, que me fitava com impaciência.

- Já acordou Bela Adormecida? – Ela disse com sarcasmo

- Não! – acompanhei-a com o sarcasmo – Meu príncipe encantado ainda não me deu um beijo! – Ela riu e afagou o meu cabelo, depois saiu do carro. Abri a porta e me levantei. Gemi quando a dor aumentou. – Nunca mais durmo no carro!

- Que bom que aprendeu a lição! – ela sorriu – Bem vinda a sua nova casa!

As palavras me atingiram como um tiro e eu cambaleei involuntariamente para trás. Casa? Eu estava em casa, sem meus pais e meu irmão. Meus olhos se encheram de lágrimas e tentei impedi-las antes que Tia Jé visse, mas já era tarde. Ela pareceu se magoar quando percebeu minha expressão, quando percebeu as lágrimas que agora rolavam soltas pelo meu rosto. Ela deu um passo em minha direção.

- Tudo bem! – Eu tentei sorrir - Eu tenho que me acostumar! Essa agora é minha casa! – Aquelas palavras doeram em minhas entranhas. Respirei pesadamente e fui em direção ao maleiro para pegar as minhas coisas. Minha tia me seguiu sem dizer nada.

Eu entrei na casa e um “flash” da minha primeira vez ali me alcançou. Era a mesma sala com chão de tacos, os sofás que eram marrons agora eram brancos. Uma estante de mogno segurava a TV, DVD e outros aparelhos eletrônicos, enquanto uma mezinha de centro sobre um tapete em tons de mostarda completava o local. Caminhei até a cozinha, que era exatamente igual à última vez que estive ali, os armários brancos e marrons com uma mesa de granito

no meio. Havia uma sala de visitas ao lado da cozinha com sofás e poltronas em tons de amarelo e uma pequena mesa no centro, com um banheiro ao lado. Subi as escadas que davam em um corredor com três portas. Uma era outro banheiro, a outra era o quarto de minha tia, e a outra era, enfim, o meu quarto. Eu sabia por que quando estive ali, eu dormira nesse quarto, o único quarto disponível da casa. O único lugar que não me trazia lembranças dolorosas de minha família. Eles nunca estiveram nesse quarto comigo. Havia um armário embutido marrom claro e uma cama encostada na parede ao lado da janela. De um dos lados da cama havia uma mesa-de-cabeceira e do outro, uma escrivaninha com um computador, perto da janela. Em cima da escrivaninha havia algumas prateleiras.

- Espero que você consiga deixá-lo do seu gosto. – disse minha tia na porta – Vou preparar algo para comermos. Está com fome? – Balancei a cabeça negativamente – Bom, então vou deixá-la sozinha!

Ela colocou o resto das minhas malas ao lado do armário e saiu fechando a porta atrás de si. Suspirei e me joguei pesadamente na cama e, antes que eu pudesse impedir, estava agarrada ao travesseiro chorando.

Abri os meus olhos para a escuridão profunda. Levantei-me e olhei o relógio na mesa-de-cabeceira. Duas e meia da manhã. Olhei para mim mesma. Eu estava de jeans, camiseta e tênis. Abri minhas malas, peguei meu pijama e fui tomar um banho. O toque da água no meu corpo era relaxante, reconfortante. Não sei quanto tempo fiquei ali, mas desligar foi triste. Troquei-me sem pressa. Quando terminei, escovei os dentes e penteei os cabelos. Entrei no quarto e suspirei. Não me sentia cansada o suficiente para dormir de novo, então me ajoelhei ao lado das malas e comecei a arrumar minhas coisas.

Devo admitir que fazer aquilo era meio deprimente, significava que ficaria ali por um bom tempo, tipo, até me formar. Suspirei de novo. Eu queria que tudo tivesse sido um sonho, que agora eu acordaria ou alguém entraria no quarto e diria: “brincadeirinha!” Mas eu sabia que isso não aconteceria. Eu sabia que agora teria que suportar a dor da perda e seguir em frente! Mas como? Como poderia deixar meu passado para trás e seguir em frente? Como

poderia esquecer aqueles que me criaram, me ensinaram a ser quem eu sou hoje? É impossível! Senti algo quente e úmido descendo pelo meu rosto, mas não precisava tocar para saber que eram lágrimas. Suspirei e senti o cansaço tomar conta de mim de forma súbita. Deitei-me em minha cama e fechei os olhos, e não demorou para que eu dormisse novamente.

O vento brincava com meu cabelo enquanto eu caminhava sob o céu nublado. Eu sabia que viria uma tempestade, mas não me importei e continuei, seguindo em frente, só não lembrava por que. Até que avistei algo ao longe. Não entendi o que era, então corri até me aproximar o bastante para entender e parei bruscamente. Meu corpo estava largado no chão, todo ensanguentado. Um menino estava de costas para mim, só seu cabelo negro visível, continuando a esfaquear. Olhei para o lado e vi o corpo dos meus pais e do meu irmão, arfei e depois gritei com a maior potência que consegui. Alguém me chacoalhava com força e eu abri os olhos para uma claridade ofuscante.

- Tudo bem querida, passou, foi só um pesadelo! – Minha tia me abraçava. Só então percebi que era um sonho. – Quer me contar? – Balancei a cabeça negativamente e minha tia se levantou e foi até a porta. Parou com uma mão na maçaneta. – O almoço está quase pronto, quando estiver pronta é só descer! – Ela saiu e fechou a porta. Suspirei e me levantei. Fui até o banheiro e penteei o meu cabelo castanho claro enquanto pensava em meu pesadelo. Desci as escadas e almocei quieta, ainda pensando, quando minha tia interrompeu meus devaneios.

- Você vai à aula amanhã. – ela disse em um tom responsável – A escola encomendou seu material, que deve chegar ao meio da semana. Eu sei que você não deve estar pronta ainda para encarar os colegas, mas já estamos no meio do segundo bimestre e você não pode ficar perdendo aula! – Ela disse encerrando o assunto. Apenas assenti e terminei de almoçar quieta. Passei a tarde inteira trancada no quarto arrumando-o e a noite, tive um sono sem sonhos, finalmente.

Acordei com o despertador tocando e levantei num pulo. Desliguei-o e me arrumei com roupas simples, uma blusa escarlate com calça jeans e tênis. Desci as escadas e tomei café com minha tia rapidamente, enquanto ela se desculpava por não poder me buscar na escola, me explicando detalhadamente, diversas vezes, como voltar para casa enquanto eu anotava. Ela me deixou em frente ao portão verde desbotado da escola Luzia, onde vários alunos entravam e conversavam animados. Respirei bem fundo e entrei. Caminhei em direção à secretaria, onde fui atendida por uma mulher que aparentava ter uns trinta anos, os cabelos pretos entrando em contraste com a pele clara e de aparência delicada.

- Você deve ser a aluna nova, certo? – balancei a cabeça positivamente e ela continuou – Seja bem vinda a Escola Luzia! Aqui estão os seus horários e o mapa da escola – ela disse enquanto me entregava dois papéis e apontava para cada um deles. Eu disse um pequeno obrigado, mas antes que pudesse ir em direção a porta, ela se levantou e fez uma cara séria – Meus pêsames pela sua família, querida! – Ela disse e depois se sentou e voltou aos seus telefonemas. Eu a encarei lutando contra as lágrimas que queriam desesperadamente escorrer pelo meu rosto. Saí da sala às pressas e comecei a prestar atenção nos meus papéis, procurando a sala da minha primeira aula. Por sorte era História e eu era ótima em História! Estava tão distraída procurando as salas, que não vi e esbarrei em um menino. Nós dois caímos e nossas coisas se espalharam.

- Desculpa! – eu disse enquanto pegava minhas coisas.

- Tudo bem! – eu terminei e fui ajudá-lo – Você é nova por aqui? – Ele perguntou fitando meu rosto – Eu nunca te vi antes! – ele se levantou e estendeu a mão para me ajudar

- Ah, na verdade eu sou! Cheguei aqui sábado! – ele estendeu a mão para mim.

- Eu sou Flávio e você? – Eu peguei sua mão.

- Melissa. – Eu então olhei para ele de verdade. Ele tinha cabelos castanhos curtos e os olhos do mesmo tom do cabelo.

- Qual sua próxima aula?

- História.

- É a minha também! Podemos ir juntos? – eu assenti e nós fomos andando. Não tivemos muito tempo para conversar, porque a sala era logo ao lado e o sinal já ia bater. Eu entrei e me sentei ao seu lado, atrás de uma menina de cabelos ruivos e pele clara e em frente a uma menina com pele chocolate e cabelo negro, escorrido até o ombro. Eu pude ouvir a ruiva cochichando com Flávio, e segundos depois da aula começar – com o professor Luis, um homem muito interessante de cabelos brancos – ele me apresentou para ela. Nós conversamos sobre de que cidade eu tinha vindo e outras coisas, a de cabelos negros entrando na conversa. Os nomes delas eram Patrícia Spoletto – a ruiva – e Ana Barbel. Os três eram muito legais e engraçados. Até que a Ana me perguntou:

- E então Mel, – ela disse enquanto anotava o que o professor Luis escrevia no quadro – o que fez você se mudar para Luária?

Fiquei tensa e entrei em desespero. Eu não queria dizer, não queria que tivessem pena de mim. Eu não suportava olhares de dó, como o da recepcionista. Por sorte, o professor interrompeu.

- Estou atrapalhando alguma coisa?

- É claro que não professor! – Ela fez cara de inocente – Eu só queria que a aluna nova se sentisse bem-vinda!

- Hora, não tinha visto que temos um rosto novo por aqui! – Ele sorriu para mim – como se chama?

– Melissa, Melissa Martinz.

- Martinz? Eu conheço esse nome! É o sobrenome de um grande empresário que recentemente teve quase a família toda brutalmente assassinada na... – Ele percebeu o que estava dizendo e me olhou como quem se desculpa – Você era... Você é... – Ele não conseguiu terminar a frase.

- Filha dele? Sim, eu sou filha de Carlos Martinz. – Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu tentei segurá-las sem muito sucesso. Era só o que faltava. Chorar na aula de História. Todos dirigiram os olhares para mim, principalmente Ana, que parecia culpada.

- Eu sinto muito! – Ele disse – Vá lavar o rosto! – eu assenti e saí, antes que mais alguém pudesse falar alguma coisa. Eu entrei no banheiro e encarei o meu rosto no espelho, e depois sentei embaixo da pia e chorei. Não sei quanto tempo fiquei ali, mas mesmo quando

o sinal tocou, eu não me mexi. Algumas garotas entraram no banheiro, mas nenhuma delas me viu. Até que duas garotas em especial entraram no banheiro.

- Mel? – elas chamavam enquanto abriam as portas dos boxes – Mel! – Ana parou em frente a pia e se abaixou até poder me olhar nos olhos – Mel eu sinto muito! – Ela disse e me abraçou – eu não queria te lembrar daquilo, era só curiosidade! Me desculpa! – Em pouco tempo a Pati também estava me abraçando.

Eu fiquei totalmente sem palavras. Nós acabamos de nos conhecer e elas já me abraçavam de forma tão... Amigável! Como se fossemos amigas há séculos e não minutos. Pela primeira vez, em tempos, eu me senti em casa. Definitivamente, Acolhida.

Na saída da escola, as meninas me levaram em casa, principalmente porque era caminho da casa da Ana. Eu me sentia “feliz”, pelo menos feliz o possível com o peso absurdo da perda pairando sobre mim. O que não era muito, eu confesso. Meus sentimentos estavam sensíveis e qualquer palavra dita por mim ou outra pessoa podia abrir a cascata e me fazer chorar como um bebê.

Eu cheguei entediada e liguei a TV a tempo de ver passar o fim do jornal que falava sobre o super empresário que havia sido brutalmente assassinado com a família e que só havia sobrado a filha mais nova, pois ela estava em uma festa no momento do crime. Lágrimas caíram dos meus olhos quando a foto do meu pai foi exibida na tela. Eu subi as escadas correndo e me tranquei em meu quarto, abraçando meu travesseiro e chorando. Com o tempo eu adormeci.

Conhecida

Quatro meses se passaram desde minha chegada à Luária. Eu tinha grandes amigos. Ana, Pati e eu éramos o que podia se chamar de melhores amigas. Flávio também se tornou um forte “aliado”. E o peso que eu carregava? Bem, eu tentava esquecê-lo, mas era impossível. Eu havia melhorado, mas jamais me curaria. Todos evitavam falar sobre esse assunto, o que ajudava. Antes, só com a palavra pais ou irmão (ou até mesmo mãe e pai) eu desatava a chorar. Agora, eu podia ouvi-las, sem tanto desespero e dor. Eu guardava todas as minhas lágrimas para a noite. Não havia uma noite se quer que eu não chorasse, trancafiada em meu quarto. E também tinham os sonhos.

Toda noite era a mesma coisa, os mesmos cabelos negros, o mesmo vento, o mesmo crepúsculo, o mesmo lugar. Com o tempo eu parei de correr para ver o meu corpo, apenas ia, para que o sonho acabasse, nem gritava mais. Era entediante dormir. Eu estava com olheiras enormes sob os olhos, pois graças aos sonhos eu não me sentia descansada.

Pude ouvir diversas vezes minha tia falando com minha avó por telefone. Ela achava que eu estava melhor, mas não muito. Disse que eu não me emocionava mais tão facilmente, mas que eu ainda estava bem sensível. Ela disse que podia me ouvir chorar toda noite em meu quarto e que sabia que eu ainda sofria muito.

Estava me dando bem na escola, o meu único problema era Matemática. Mesmo sendo meio rebelde e desleixada, eu sempre fui uma boa aluna – menos em Matemática – então os professores gostavam de mim – menos a professora de Matemática. Aquela escola era fácil e em grande parte das matérias eu estava adiantada devido a minha outra escola.

Eu definitivamente amava meus amigos e não os trocava por nada. Mas eu ainda sentia muita falta dos amigos que deixei para trás. Eu conversava com eles pela internet, mas não era a mesma coisa. Eu queria vê-los, mas sabia que não seria possível tão cedo.

A saudade brincava dolorosamente em meio peito, mas não é só à saudade deles que eu estava me referindo.

O tempo passava e a dor aumentava, porque eu começava a perceber que jamais veria meus pais e meu irmão novamente. A dor martelava de uma forma estúpida e nunca parava. Com o tempo eu me acostumara com ela, mas ainda doía de forma intensa. Eu sentia, às vezes, como se o tempo não passasse, como se o dia jamais acabasse, como se eu ainda estivesse revivendo a mesma cena. A cena mais dramática, traumática e dolorosa de toda a minha vida. Aqueles olhos, aqueles perfeitos olhos...

Eu sentia como se minha vida estivesse totalmente de cabeça para baixo, e como se eu tivesse começando me acostumar com ela assim. Eu queria voltar para cima, aquilo me incomodava, mas eu sabia que jamais veria o outro lado novamente. A minha vida não era mais a mesma! *Eu* não era mais a mesma! Nada era o mesmo.

A aula de História era bem interessante, mas não se comparava à aula de Ciências. Era nessa aula que eu estava agora, e fazíamos experiências em grupo. Eu estava sentada com a Ana, e nós conversávamos animadamente sobre as bolsas da Kipling ao invés de fazer o nosso trabalho

- Srtas. Barbel e Martinz! Eu exijo concentração na minha aula! – Interrompe a professora – Esse é um trabalho que exige total atenção dos alunos! As duas perderão dois pontos cada. Vocês adolescentes burrinhos pensam que podem...

- Com licença Sra. Carla, – Disse a diretora Marina na porta – Mas eu queria conversar com você sobre o motivo do atraso do novo aluno. – Sra. Carla abaixou a cabeça. – Pode vir um pouco aqui fora?

Enquanto ela falava, um menino entrava na sala, e quando eu mirei seu rosto, meu coração bateu mais rápido. Ele tinha cabelos curtos e desgrehados, castanho escuros, quase negros e pele bronzeada, os olhos verde musgo, onde se podia perceber um pouco de impaciência e pura diversão. Dava para perceber os músculos sob a camiseta preta que ele usava com calça jeans. E pelo que

pude perceber não fora a única a notar isso. A Marina (como ela pedia que a chamássemos) apontou para a mesa disponível atrás de mim e de Ana e depois olhou para o novato, então se retirou com a Sra. Carla aos seu lado. O menino seguiu para sua mesa com um sorriso no rosto – e que sorriso! Ele se sentou e a sala ficou em completo silêncio.

- Que a justiça seja feita! – Disse Ana enquanto estendia a mão para mim. Eu ri, retribuindo o toque. A sala toda começou a conversar.

- Então, vocês são as Srtas. Barbel e Martinz? – O aluno novo perguntou com ironia.

- Sim! – disse Ana se virando para ele. Eu a acompanhei – Eu sou Ana Barbel e ela é a Melissa Martinz. – dei um fraco sorriso quando o meu nome foi pronunciado.

- Prazer! Sou Caio. – ele apertou a mão da Ana e depois a minha. Seu aperto era quente e provocou cócegas na minha pele. Quando ele retirou a mão, parecia que o lugar onde havia tocado ficara marcado.

A Sra. Carla entrou na sala e os burburinhos foram cessando. Ela nos fuzilou e prosseguiu a aula depois de uma rápida apresentação do Caio. Eu comecei a ter a vaga impressão de que essa aula não seria mais tão interessante quanto antes.

Estávamos no intervalo conversando, Eu, a Ana, a Pati, o Flávio e o Pedro – um dos amigos do Flávio que se tornou um grande amigo meu também! Estávamos sentados no mesmo banco que sentávamos desde o meu primeiro dia, no pátio principal. Eu estava em pé, de costas para ele e conversando com os meus amigos. Até que vi os olhos da Ana se arregalarem e a Pati corar. Fiquei um pouco confusa e, antes que pudesse me virar, senti alguém tocando meu ombro. Eu pulei de susto e fiquei de frente para aquele que me cutucara.

O Caio me olhava com um sorriso brincalhão no rosto. Eu tentei devolver, mas mesmo sendo um sorriso lindo, eu falhei na tentativa.

O sorriso dele se ampliou, como se gostasse do fato de eu não conseguir responder a gentileza.

- Eu não conheço mais ninguém por aqui, se importa se eu me sentar aqui com vocês? – Ele disse no plural, mas falou olhando diretamente para mim. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, a Ana e a Pati me interromperam:

- Claro! – disseram ao mesmo tempo – fique a vontade! – As duas sorriram. O da Ana era um sorriso de “seja-bem-vindo”, já o da Pati era um sorriso de “Estou-flertando-com-você!” Revirei os olhos para elas e assenti uma vez para o Caio, que parecia se divertir como nunca. Ele se sentou ao lado de Pati, que começou a conversar com ele. Ela brincava com os cabelos e dava cada indireta mais tosca que a outra. Arght! Vômito!

De repente, aquele lado do pátio parecia pequeno demais, com pessoas demais e afobado demais. Revirei os olhos de novo e saí. Pude sentir o olhar deles em mim. Ou melhor, pude sentir o olhar *dele* em mim. O que estava acontecendo comigo? Eu perco minha família e dois meses depois eu saio por aí, me sentindo atraída pelo primeiro novato que brota nessa cidade entediante? Eu precisava urgentemente de um passatempo melhor do que ficar chorando no quarto.

Fui para um lado em que mais ninguém ia e que ficava atrás do pátio principal. Ali havia uma árvore com alguns bancos à sua sombra. Eu me sentei em um deles e envolvi os meus joelhos me transformando em uma bola, escondendo a cabeça entre eles. Não sei quanto tempo fiquei assim, até que senti alguém tocando de leve o meu ombro e eu pulei erguendo a cabeça. Ele me olhava cauteloso, meio preocupado, mas com um toque de diversão no olhar. Não resisti e perguntei:

- O que tem tanta graça?

- Perdão? – Ele parecia mesmo confuso.

-Você sempre parece estar se divertindo! É alguma piada interna? – A diversão voltou a seus olhos.

- Receio que sim!

-Posso participar? – Disse com sarcasmo, levantando uma sobrancelha. Ele riu um riso meio sombrio.

- Em breve vai poder! – Olhei-o confusa. O que ele queria dizer com isso? Percebi que ele não iria se explicar melhor, então desviei o rosto. Ficamos em um silêncio desconfortável por alguns minutos. Depois ele tentou seguir em uma conversa normal, me perguntando qual o tipo de música que eu mais gostava, minha banda favorita.

- Então, por que nenhum de vocês perguntou o que eu vim fazer aqui em Luária? – ele parecia interessado. Dei de ombros.

- Aprendemos uma lição quando eu cheguei. – Eu disse e me levantei antes que ele fizesse a próxima pergunta, que eu sabia muito bem qual era. Ele segurou o meu braço, a pele dele queimando na minha.

- O que aprenderam quando você chegou? – Eu virei o rosto para que ele não visse as lágrimas que se acumularam nos meus olhos.

- Por que não pergunta para eles? – Disse e puxei o meu braço com força, mesmo não querendo, e saí dali com passos largos. Quando eu tive certeza que não estava mais a vista, deixei que as lágrimas escorressem e olhei o meu braço no lugar em que ele tocara. Não estava marcado como pensei e senti que estaria, mas eu sentia falta da sua pele na minha. Respirei fundo e vi que iria começar a cascata, então corri para o banheiro, entrando debaixo da pia como antes.

Olhei no relógio que trazia no pulso, faltavam cinco minutos para o término do intervalo. Respirei fundo sabendo que ninguém me impediria ali. Eu estava enganada.

- Mel! – Disse Pati enquanto entrava acompanhada pela Ana – Mel, o Caio nos contou o que aconteceu! Esquecemos de contar para ele que esse assunto tem que ser intocado! – Elas me abraçaram forte – Não podemos nos atrasar para a aula daquela insuportável da Sra. Carla! – Elas me ajudaram a levantar e depois a enxugar o meu rosto. Quando saímos, Caio veio em minha direção.

- Desculpe! – Disse de forma brusca e de cabeça baixa, depois saiu andando. Por um momento, eu pude jurar que ele não fazia questão de me pedir desculpas, que só o fez por pura obrigação.

Aquilo me magoou mais do que deveria. Eu olhei para as meninas e tentei fingir que nada de mais acontecera, elas encaravam a porta da sala, por onde Caio tinha passado, surpresas. Eu fui em direção a sala e elas me acompanharam. Só então notei que Flávio e Pedro estavam parados em frente à porta, e viram a cena toda. Pedro passava as mãos no cabelo loiro, indignado, já Flávio parecia estressado. Entrei na sala ignorando-os e sentei-me quieta em meu lugar, pensando no mistério que Caio trazia junto de si. As próximas aulas passaram bem rápido e, antes que desse por mim, eu estava jogada no sofá da minha casa.

Olhei ao redor magoada. Da *minha* casa...

Admirada

Eu tremi com a doce e sedutora voz que chamava meu nome. Meus pés caminhavam pela neblina como se tivessem vontade própria, mas aquilo não era necessário. A voz me chamou mais uma vez e meu coração deu um forte palpito de alegria. A neblina começou a sumir e em seu lugar eu pude ver que caminhava sobre um enorme campo cheio de flores coloridas e no céu a lua brilhava de forma esplêndida, ofuscando totalmente o brilho das estrelas que, mesmo assim, não deixavam de ser lindas. O vento chicoteou os meus cabelos acariciando a minha pele e eu fechei os olhos inspirando o delicioso aroma das flores que me cercavam. A voz me chamou mais uma vez e eu abri os olhos para encontrá-la e então eu o vi. Estava do outro lado da campina, mas ainda assim, eu podia admirar a sua beleza majestosa. Eu não podia vê-lo muito bem, mas não era necessário. Corri com desespero, atravessando a campina mais rápido do que julguei algum dia ser capaz de fazer. Eu me aproximava quando o reconhecimento me cercou de forma súbita, me fazendo parar, e por causa da velocidade em que estava, eu caí.

O que ele está fazendo em meu sonho? – Pensei com eminente desespero. Ele sorriu de forma convidativa para mim e meus braços e pernas começaram a rastejar em sua direção, mesmo eu lutando para pará-los. Eu estava imunda e dolorida, podia sentir as pedras cortando minha pele com crueldade. Meu sonho se tornava um pesadelo enquanto eu lutava pela minha liberdade.

Eu já o estava alcançando. Queria gritar de dor, mas principalmente de ódio. Eu não ligava muito para a dor em meu corpo, mas o meu estresse foi o suficiente para que lágrimas escorressem pelo meu rosto. Isso pareceu alegrá-lo e meu ódio sufocante aumentou, trazendo consigo um rápido controle dos meus membros novamente, mas não foi o suficiente para parar.

Minhas mãos encontraram seus pés e eu usei sua perna como apoio para me erguer. Ele estava radiante enquanto me tomava em seus braços e colocava os lábios em meu pescoço. Estremeci

mesmo quando grande parte de mim gostou daquilo. Até que senti um ponto concentrado de dor em minhas costas. Gritei e coloquei as mãos para trás, tocando o ponto dolorido e, voltando-as para frente, vi que estavam cheias de sangue. Ele ria deliciosamente, enquanto eu entendia o que ocorria ali.

Uma faca ensanguentada estava em uma de suas mãos e seus olhos ansiavam pelo sangue que escorria em minhas costas. Gritei de novo, mas dessa vez por medo. Eu senti minhas pernas cedendo e ele me segurou por alguns segundos, até que me soltou. Pontos pretos tomaram conta da minha visão enquanto eu caía de lado na relva. As minhas costas latejavam dolorosamente e eu queria gritar de novo.

Enfim os pontos pretos começaram a se tornar claros e tudo a minha volta foi sumindo. A minha última imagem dentro daquele lugar tenebroso foi ele. O rosto do Caio estava triunfante enquanto ele ria com evidente prazer da minha desgraça.

Abri meus olhos para a escuridão arfando. Tateei o quente e macio até ter certeza que estava onde deveria estar. Acendi o abajur da mesa-de-cabeceira e comecei a olhar todo meu corpo em busca de qualquer machucado, qualquer coisa fora do lugar. Suspirei de alívio quando não encontrei nada. Olhei para o relógio, quatro e meia da madrugada de sábado. Pelo menos não teria aula na manhã seguinte. Passei a mão pela minha testa cheia de suor e suspirei de novo. Levantei-me e fui em direção ao banheiro, onde encarei meu reflexo. Minha pele, normalmente morena estava tão pálida que eu quase não podia ser vista com a luz apagada. Meus cabelos castanhos claros estavam embaraçados em um só nó e meus olhos, normalmente claros, cor de mel estavam num castanho escuro, num tom que eu nunca vira antes. Acendi a luz com desespero. Pouco mudou, mas foi o suficiente para me fazer relaxar. Meus olhos voltaram ao normal e eu voltei a ser visível a olho nu, mesmo estando pálida.

Tomei um banho tentando relaxar um pouco. Fui para o meu quarto e deitei na cama pensando no que fazer. Por fim, peguei meu exemplar já surrado de “Eragon” e afundei todos os meus pensamentos no misterioso mundo de Alagaësia.

Só voltei ao mundo real quando meu relógio apitou cinco e meia. Eu esquecera de desativá-lo ontem à noite e normalmente eu o colocava para despertar mais cedo, pois nunca acordava de primeira. Olhei para a janela e contemplei a escuridão. Feliz pelo sol ainda não ter nascido, peguei uma toalha e descii as escadas. Forrei a grama com ela e deitei-me com o rosto virado para o céu. Uma brisa gostosa me envolveu e eu fechei os meus olhos contente por ela me envolver. A aurora tomou conta do céu, iluminando-o de maneira incrivelmente linda. Desfrutei cada segundo em que ficara ali, admirando a estupenda beleza que a natureza nos trás.

O sol da manhã era confortável e eu senti como se ele esquentasse a minha alma de maneira agradável. Lembrei-me de quando eu via o sol nascer no rancho com meu irmão e uma poderosa pontada de dor tomou conta do meu coração. Lágrimas inundaram meus olhos e desejei com uma intensidade infinita que alguém me acordasse do pesadelo que era a minha vida agora. Que eu abrisse meus olhos e me encontrasse em meu gigantesco quarto na minha cidade natal, com suas paredes vermelhas e acolhedoras. Que minha vida voltasse ao seu eixo normal. Mas eu sabia que aquilo não aconteceria.

A dor agora foi cruel e me fez arfar. Lutei para tirar o pensamento da minha família morta e acabei vagando para o meu sonho. Eu não fazia idéia o que Caio fazia nele. E muito menos porque ele me matara. Meus sonhos estavam ficando cada vez mais loucos, isso sim! Eu devia parar de prestar atenção neles e me concentrar em coisas mais importantes, como as provas que logo chegariam. Estava difícil me concentrar nas aulas e eu tinha que manter o meu fabuloso boletim. Aproveitando a deixa, levantei-me e peguei a toalha. Subi e joguei a minha mochila em cima da cama preparando-me para estudar.

O despertador tocou e eu bufei de cansaço. Desliguei-o num tapa e levantei-me. Logo fiquei pronta para ir à aula. Fui a pé e aproveitei para admirar o lindo dia que fazia. Cheguei à escola e encontrei Pati com um olhar magoado em seu rosto, mas não era só o seu olhar que expressava pura tristeza. Ela tinha olheiras profundas

sob seus olhos e uma aparência cansada, como se não dormisse há dias. Sua pele estava pálida como papel e seu cabelo loiro, normalmente lindo e sedoso, agora estava despenteado e bagunçado. Parecia desnutrida.

- Pati! – corri para seu lado, abrindo um espaço na roda que a circulava – Pati, o que houve?

- Meu avô morreu! – ela disse numa voz fria e cansada. A tristeza era facilmente notada nela.

- Eu sinto muito! – A abracei. Subitamente, algo veio a minha mente. Ela era como um espelho para mim. Quando minha família morreu, eu provavelmente ficara desse jeito para pior. Um espelho versão loira de mim. Estremeci e me afastei dela para encará-la melhor e mais uma vez me vi refletida no espelho, como na noite passada quando acordei. Uma imagem acabada pela tristeza e pelo cansaço. Uma imagem arrasada pelas noites de insônia devido à dor que martela no peito, não permitindo que a paz tome seu coração e você não durma. As faltas de apetite em cada refeição do dia e a vontade de morrer para fazer companhia ao amado falecido.

Eu a entendia melhor do que qualquer ser presente naquela sala. Eu sabia que ela estava ciente disso, principalmente quando eu coloquei minha mão em seu ombro e ela me olhou de maneira meio agradecida, meio compreensiva e com uma tristeza que jamais sairia daquele olhar, assim como eu sabia que a minha jamais sairia.

Aquilo mexeu comigo mais do que deveria e eu comecei a pensar que talvez devesse ser mais grata à minha tia e aqueles que estavam tentando me ajudar. Se não fossem eles, eu não estaria onde estava agora.

A aula passou tão rápido que quando dei por mim já estava deitada em minha cama. Fitei desanimada o teto do quarto, até que a campainha tocou. Pulei ao seu exclamativo som e descii as escadas o mais rápido que pude e me assustei ao deparar com quem estava na porta.

- Ah, oi! – Disse meio sem jeito. Ele ainda me dava arrepios, eu só não sabia se era de medo ou de prazer.

- Oi! Pensei em lhe fazer uma surpresa, que tal?

Eu o fitei. Como ele sabia o meu endereço? Eu nem se quer tinha dado o meu número de telefone para ele! Aquilo era esquisito! Ele tinha uma expressão ansiosa no rosto, como se fosse fazer algo que queria fazer a tempos.

- O que... Como... O que está fazendo aqui? – Perguntei.

- Bem, aquele dia eu não te pedi desculpas direito – eu sabia muito bem a que dia ele estava se referindo - então pensei em vir aqui, te pedir desculpas de verdade e depois assistirmos um filme! – ele disse e mostrou dois DVDs que segurava.

Levantei uma sobrancelha desconfiada. Não parecia ser exatamente o que ele pretendia. Ele olhou para mim e fez uma leve careta, que disfarçou rapidamente.

- Ah! Desculpe-me. Sério. – Ele não parecia muito contente em ter que dizer aquilo e nem eu muito contente em deixá-lo entrar, mas o que eu podia fazer? Dizer que não? Não seria algo muito agradável!

Suspirei e dei espaço para que ele passasse.

- Entre. – eu disse. Um sorriso triunfante tomou conta de seus lábios e o meu coração deu um pulo esquisito. Ele entrou e olhou em volta – Vá colocando os filmes no DVD que eu vou por a pipoca no microondas. – Disse, enquanto apontava para a TV e me dirigia até a cozinha. Ele não pareceu muito contente com a idéia, mas foi sem reclamar.

Coloquei a pipoca no microondas e apertei o botão “ligar” antes de ir para a sala me encostar na parede e fitá-lo. Ele já havia ligado o filme e estava no sofá, mexendo no controle.

- Por favor, não me diga que trouxe filmes melosos! – ele ergueu uma sobrancelha.

- Deveria ter trazido? – perguntou com sarcasmo.

- Não. – disse enquanto ia até a cozinha, pois a pipoca tinha ficado pronta. Peguei o pacote e o virei em um pote, depois coloquei sal e fui em direção a geladeira para pegar o refrigerante. Pude ouvir ele se aproximando. – Leve a pipoca. – disse e me virei. Ele me

olhava incrédulo, como se acabasse de descobrir que eu era uma aberração.

Eu o fitei e assim ficamos por alguns segundos, um olhando firme nos olhos do outro, então ele virou e pegou a pipoca, dizendo um baixo “Tudo bem”, indo em direção a sala. Peguei dois copos e o segui, pensando na fria que havia me metido permitindo que ele entrasse. Nós nos sentamos e eu peguei o controle e liguei o filme. Seguiu-se um silêncio desconfortável, que por sorte podia ser disfarçado com o filme, que eu não conseguia prestar atenção. Até que ele mirou o livro que estava em cima da mesinha de centro.

- Está lendo “Eragon”?

- Sim! É muito bom! Você já leu? – ergui uma sobrancelha e o fitei.

- Diversas vezes! É muito bom mesmo! Não sabia que gostava de ler!

- Adoro! E também não é a primeira vez que leio esse livro!

E seguiu-se uma conversa sobre vários livros. Cada um levava a outro e conversamos por horas. O filme acabou e mal vimos. Ele era engraçado, tinha um ótimo gosto para músicas e também para livros. Rimos muito enquanto conversávamos. Ele era muito sarcástico, como aparentava ser e até um pouco cínico, mas eu não via problema algum naquilo. Só paramos de conversar quando minha tia entrou e nos encontrou sentados rindo no sofá, o filme já no fim dos créditos.

- Posso saber o que se passa aqui? – perguntou.

- Ah, oi tia Jé. Esse é Caio, ele entrou há pouco tempo na escola.

- Olá Caio! – ela sorriu – Bem, não parem seu filme por mim, não vou atrapalhar!

- Na verdade, eu já estou de saída! – Caio disse enquanto se levantava – está tarde e devem estar me esperando em casa.

Levantei-me e o acompanhei até a porta, onde ele mal disse “tchau” e saiu. Ele logo ficou fora de vista, mas mesmo assim eu continuei olhando para o lado em que sumira. Eu estava confusa. De novo. O que acontecera hoje a tarde? Como ele conseguiu o meu endereço? Eu me esqueci de fazer essa pergunta! E o que foi aquele

papo todo? Ele parece ser alguém tão inteligente, que lê muito, é engraçado, sarcástico, meigo, educado, gentil... Tantas qualidades que mal dá para descrever! Mas havia algo nele que me intrigava, eu só não sabia o que! Talvez o fato de ele ter aparecido algumas vezes em meus sonhos, ou melhor, pesadelos! Talvez todo aquele mistério, ou a forma como ele apareceu aqui com uma desculpa – convenhamos – esfarrapada. De qualquer forma, havia algo naquele garoto que definitivamente, chamava a minha atenção, mais do que já chamou para qualquer outra pessoa. Ele era diferente, especial! Trazia algo consigo, eu tinha certeza, só bastava descobrir o que era.

Não sei quanto tempo mais fiquei ali olhando pela porta, mas sei que no fim minha tia percebeu e eu tive que entrar antes que ela confirmasse que eu estava ficando louca. Subi as escadas e sentei em minha cama. Fiquei olhando para o teto, até que resolvi fazer a lição de casa antes que acabasse pegando no sono. Consegui me distrair com a tarefa e quando enfim acabei, fui tomar um banho bem demorado, o que era muito bom para refletir.

As coisas andavam meio esquisitas ultimamente. Meio desajustadas e ao mesmo tempo, certas. Meu mundo estava tão diferente do modo como eu previra quando tinha apenas seis anos. Mas aqui estava eu, dez anos depois, com uma realidade totalmente diferente de todas. Eu não era a menina mais popular da escola ou da cidade, eu não tinha nenhum namorado fabuloso, a minha média de notas não era dez e eu não tinha mais uma família. É impressionante o quanto as coisas mudam em dez anos.

Acabei meu banho fui para meu quarto e me deitei. Adormeci antes que pudesse pensar em refletir sobre a vida de novo.

Tudo estava tão igual e ao mesmo tempo tão diferente.

Eu ainda estava no campo, mas era como se tudo tivesse começado de novo. Meus pés caminhavam por vontade própria em direção a doce voz, mas meu cérebro permanecia alarmado, minhas mãos cerradas em punhos. A doce voz continuava a me chamar, mas eu mantive os meus olhos bem abertos para o lindo verde que dominava a campina. Ao longe eu pude vê-lo e como era de se esperar, meus pés correram ao seu encontro.

Até que eu me aproximei o suficiente para vê-lo com mais clareza e então brequei e automaticamente caí, mas não foi porque eu finalmente reconheci quem era.

Caio não sorria sarcasticamente ansiando pela minha chegada e seguida morte. Não, suas feições eram magoadas e confusas, lágrimas escorriam de seus olhos e ele fitava a faca em suas mãos com nojo.

Senti algo quente e úmido escorrendo pelo meu rosto e toquei-o com minhas mãos a ponto de perceber que eu chorava pelas lágrimas do meu futuro assassino. Só então notei que eu movera a minha mão por vontade própria. Eu não me rastejava dolorosamente até ele, meu corpo estava caído no chão exatamente como devia estar. Olhei para as minhas mãos sujas e depois para o rosto de Caio.

Ele olhou para mim, fundo em meus olhos e depois voltou-se para sua mão armada. Seus olhos se arregalaram e fitaram os meus de novo e mais uma vez a faca, e ele a jogou longe e correu em minha direção.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para me desviar, ele me alcançou e me envolveu em seus braços, soluçando como uma criança. Eu retribui o abraço e o acompanhei nos soluços, por vontade própria.

E durante tudo isso, ele sussurrava perdão sem parar, como se já tivesse me matado.

Interessada

Definitivamente, a aula de Matemática era a mais entediante de todas. Olhei em volta, nenhum aluno se dava ao trabalho de olhar para o quadro, tirando, obviamente, o cabeça da turma, Marcos. Ana me fitava, e quando percebeu que eu fazia o mesmo, palavras sem sons saíram de sua boca:

“Ele não tira os olhos de você!”

Fiquei confusa. “Ele quem?” Mandeí de volta e ela apontou com a cabeça para o lado. Segui o rumo que ela mostrou e me surpreendi com o olhar que ela dissera. Caio me fitava concentrado, como se eu fosse um problema de Matemática difícil de resolver e que ele não via a hora de saber o resultado, mas assim que nosso olhar se encontrou ele abriu um largo e sincero sorriso, que eu retribuí com prazer. Ana me fitava incrédula e quando eu virei o rosto, percebi que Flávio também. Só aí notei que grande parte da sala assistia a tudo aquilo, menos, obviamente, o professor. Corei e fitei o quadro como uma aluna dedicada que nada distrai e desejei, pela primeira vez na minha vida, que o sinal demorasse a bater.

É realmente impressionante que quando menos você quer uma coisa aconteça, mais rápido ela acontece. Foi exatamente o que ocorreu. A impressão que eu tive foi que mal se passaram dois minutos e a aula já havia acabado, o que foi extremamente decepcionante para mim. Mal batera o sinal e Ana já veio me perguntado de maneira meio brusca:

- Pode me dizer o que raios está acontecendo entre você e o Caio?

- Nada demais! – Nem morta eu contaria para a Ana que ele foi à minha casa ontem – Foi só uma troca de sorrisos! Mais nada!

- Uhum, sei! – disse com sarcasmo – Sorte sua que a Pati não viu – ela gesticulou para a mesma que mantinha a cabeça abaixada em sua carteira – se não ela te engoliria viva! – e depois riu. Eu a acompanhei.

- Ela não faria isso! E acho que ela não está com muito clima para prestar atenção em alguma coisa ou alguém! Muito menos brigar! – nenhuma de nós duas ria agora, não havia clima para isso. Fiquei feliz por ter conseguido me desviar do assunto do Caio. Quer dizer, foi melhor assim, antes que eu falasse alguma coisa. Não que eu não confie na Ana, mas ela tem uma estranha mania de “botar fogo” nas coisas e principalmente de espalhar boatos, e a última coisa que eu queria era que a cidade toda – coisa de cidade pequena – pensasse que eu e Caio estávamos saindo.

- Sabe, era assim que você estava – Ana tinha a expressão muito séria.

- Como assim?

- Quando você chegou, você estava assim, ou até pior – nós duas olhamos para a Pati.

Eu sei que deve ser meio difícil ouvir isso, mas é a verdade! – eu não conseguia falar, não havia o que falar, quer dizer, falar o que? Eu estava certa sobre o espelho, e isso me magoava muito! Então, me veio algo a mente:

- Ana... – comecei com a voz baixa – obrigada! Por tudo. Por não ter desistido de mim, mesmo quando eu não ajudava em nada. Eu nunca vou me recuperar por completo, mas a parte boa é que vocês não sabem como eu era antes e infelizmente nunca vão saber. É sério, obrigada mesmo!

Foi extremamente difícil dizer aquilo, mas quando eu comecei não foi fácil parar. Eu tinha que dizer para minhas amigas o que sentia e confiar nelas. E antes que pudesse me impedir, estava chorando. E no fundo, até achei bom isso estar acontecendo. Eu não conseguia me ajustar e chorar na frente dela – e da sala – até era um bom sinal... Ou melhor, era um ÓTIMO sinal. Significava, que de alguma forma, estava firmando minhas raízes aqui. Uma parte bem grande de mim odiou aquilo, mas sabia que não haveria volta. Estava feito. Era hora de conviver com o meu passado e aceitá-lo, seguir em frente.

Eu jamais superaria por completo o que acontecera, mas tinha que continuar, eu fingiria melhor que estava tudo bem e que com o tempo esse fingimento passaria a ser a realidade. Eu fingiria que o

que aconteceu no não passou de um contratempo marcante e que nunca me deixaria abater de novo – o que de certa maneira, até esse momento é a verdade.

Eu estava mais forte agora, mais preparada. Eu não era mais a mesma, como disse antes. Não, eu era melhor. Eu era forte, nada me segurava, nada. E eu jurei para mim mesma que nunca mais choraria na frente de ninguém e isso incluía a sala toda.

Ana me abraçou firme e retribuí o abraço e depois a sala toda me abraçava e eu ri, afinal era uma cena engraçada. Eu mesma fui em direção a Pati e a abracei. Ela retribuiu o abraço meio confusa, mas no fundo sabia que era o que ela precisava, afinal, no começo, era tudo o que *eu* precisava, mas ninguém teve coragem de fazê-lo

Até que a soltei e sorri e ela sorriu de volta, como se tivesse acertado em cheio. O professor chegou, então fui para minha mesa e me sentei, a sala toda enfim parando de me fitar e indo para seus lugares.

Era mais uma aula tediosa como todas as outras, Geografia. Eu não suporto Geografia, quase tanto quanto não suporto Matemática. O fato de termos duas aulas insuportáveis no mesmo dia demonstrava a certeza de todos os alunos da escola: os professores e diretores querem que a gente surte de vez. Eu estava praticamente cochilando quando fui atingida em cheio no rosto por uma bola de papel. Pude ouvir algumas risadinhas, que ignorei. Peguei a bolinha de cima da minha mesa e a abri, encontrando escrito em uma caligrafia desengonçada:

***“O que você pretende fazer hoje à tarde?
Caio”***

Olhei de rabo de olho para o lado e descobri Caio me fitando. Arranquei uma folha do meu caderno e escrevi de volta:

***“Pretendia ler! Por que a pergunta?
Mel”***

Não demorou até outro recado surgir em minha mesa:

“Pensei em fazermos algo juntos! Que tal um sorvete?”

Olhei para ele e meu rosto se abriu em um largo sorriso enquanto assentia. Eu tinha certeza que a sala nos fitava, mas apenas fingi que não. Definitivamente, seria impossível tentar esconder algo da minha sala/escola/cidade e não seria eu que me atreveria a tentar!

Saí da escola como um jato pronto para decolar. Mal me despedi de meus colegas e tentei ir para casa sem perder tempo. Eu queria ficar o mais bonita possível – sem ficar exagerada para *tomar sorvete* – e tentar passar uma boa impressão. Almocei correndo e tive certeza que minha tia reparou. Ela me fitou o tempo inteiro com um misterioso sorriso nos lábios, um ar de triunfo em seu olhar. Eu tentei ao máximo não pensar no por que. O motivo seria muito mais do que o necessário para destruir a minha tarde, até o resto da minha semana e se bobear o meu mês. Estava farta de tanta mágoa.

Eu conversara com Caio no intervalo. Ele marcou nosso pequeno “encontro” para as duas da tarde, quando passaria em minha casa. Sabia que ainda era muito cedo, mas o tempo seco detonara com o meu cabelo, ressecara a minha pele e eu estava com a impressão de que hoje avançaríamos a um nível importante. Um nível que, definitivamente, avançávamos cedo demais.

Mas eu sentia como se o conhecesse há séculos, como se, de alguma forma, ele soubesse da minha existência a bem mais tempo, assim como eu soubera da dele, como se não nos conhecêssemos há apenas poucas semanas.

Talvez fossem os meus sonhos toscos que o tornavam o alvo dos meus pensamentos, ou os “*déjà vus*” que andava tendo com certa frequência, todos envolvendo-o.

Mas sinceramente, acredito que no fundo, não importa. Não sei se, de fato, estávamos avançando rápido demais ou se fui eu quem

meteu isso na cabeça, mas definitivamente deveria parar de encrencar com tudo e viver um pouco, aproveitar a adolescência que eu jamais teria de novo. Acho que no momento, isso era tudo o que mais queria. Ser uma adolescente normal, com problemas normais, com uma *vida* normal. Talvez não seja nada místico como nos livros que leio, mas era o mais drástico dentro do possível.

Tentei afastar o pensamento antes que *realmente* estragasse a minha tarde e passei a me concentrar em o que vestir, ficando na dúvida entre a avoada e a santinha. Definitivamente a avoada era a última que escolheria, é uma escolha para as desesperadas e eu não estava. A santinha era comportada de mais, chata demais, de uma maneira estressante, acredito eu. Então me contentei com um meio-a-meio, colocando um short jeans de tamanho normal e uma regata lilás, com um colete preto e tênis branco.

Passei grande parte do meu tempo concentrada em meu cabelo e quando dei por mim a campainha tocou. Passei perfume o mais rápido possível, peguei a minha bolsa preta e descii as escadas de dois em dois degraus.

Fui até a sala da frente e girei a chave sem hesitar, escancarando a porta assim que tive a chance. Tive o gosto de devolver um triunfante sorriso que me aguardava do lado de fora e logo me certifiquei de ter pegado tudo antes de pôr-me ao seu lado e trancar a porta, guardando a chave na bolsa.

- Vamos? – ele perguntou, eu apenas assenti, nervosa demais para falar.

Largue de ser boba disse a mim mesma *vocês só vão tomar sorvete na praça, não jantar em um restaurante cinco estrelas!*

Tentei me convencer com minhas próprias palavras e segui ao lado de Caio com um silêncio desconfortável no ar, um silêncio que permaneceu até metade do caminho, quando ele teve a coragem de quebrá-lo:

- Então, qual é o livro que você está lendo agora? – ele perguntou com um sorriso.

- Ainda “Eragon”! As provas estão batendo aí e eu não ando tendo muito tempo para ler!

- Há! – ele disse em tom zombeteiro – Bancando a responsável, heim?

Eu ri.

- Por aí! Eu tenho certeza que minha tia não vai ficar feliz com uma nota baixa!

- Dificilmente! – ele concordou e riu comigo.

Eu morava perto da praça, então não demorou a chegarmos lá. Logo escolhemos em qual sorveteria ir – havia três – nos servimos e nos sentamos, conversando sobre filmes, livros, sorvetes, contando piadas. Estar com ele era fácil como respirar. A conversa entre nós fluía tranquilamente, sem dificuldade alguma.

O tempo passava rápido quando estávamos juntos. Parecia ter se passado minutos e não horas quando, enfim, paramos na porta de casa. Já era quase seis da tarde e eu nem acreditei que tínhamos ficado tanto tempo juntos. Coloquei a chave na fechadura, mas antes que eu pudesse virá-la, voltei-me para ele.

- Então... – me senti corar - Obrigada por me trazer em casa! Eu me diverti muito! – disse isso toda atrapalhada. Merda.

- Não foi nada e... Eu também me diverti.

Dei um fraco sorriso e comecei a me virar de novo, mas antes que eu pudesse fazer algo mais, ele me postou frente a si e me deu um beijo doce, simples, dando total espaço para que eu recuasse, mas não o fiz.

E o beijo esquentou. Eu abri a boca para deixar a língua dele entrar e senti o doce gosto da sua boca na minha. Não sei quanto tempo ficamos nos beijando, só sei que, quando paramos o sol sumia no poente perfeito. Logo minha tia estaria em casa, se já não estivesse!

Ele se separou um pouco de mim e encostou sua testa na minha, sua respiração fazendo cócegas em minha pele, ambos arfando.

- Logo minha tia vai chegar, se é que já não chegou! – disse com um pouco de dificuldade. Odiava ser estraga prazeres, mas era necessário!

Ele apenas assentiu e logo começou a se distanciar de mim. E sem dizer um “A” sequer, ele me deu as costas e saiu andando,

ereto, sem nem olhar para mim. E eu fiquei olhando, enquanto ele agia como um estúpido, até virar a esquina e desaparecer da minha vista.

Eu entrei em casa, perplexa. Nem me preocupei em ver se minha tia estava ou não. Subi para o meu quarto às pressas e sentei em minha cama, puxando o telefone. Eu precisava da ajuda de uma profissional e urgente. Alguém que entendesse de garotos melhor do que eu – o que não é tão difícil, confesso.

Eu precisava da Ana.

Desconfiada

E o telefone tocou. Uma... Duas... Três vezes. Eu já estava começando a ficar nervosa. Sempre que ligava para a Ana, ela atendia na hora, tipo, sem ter que esperar muito. E era difícil não ser ela a atender, porque quase sempre que alguém liga na casa dos Barbel, é para falar com a Ana. Digamos que ela seja meio “Pop”.

Por fim, o telefone foi atendido, mas dessa vez pela irmã caçula da Ana, Amanda. Parecia que quanto mais desesperada eu ficava, mais o mundo conspirava contra mim. Eu precisava disso, tipo, AGORA. Será que é tão difícil entender isso?

- Alô? – a voz infantil falou do outro lado da linha.

- Eu posso falar com a Ana?

- Quem é?

- A Mel. – tinha certeza que falar meu nome inteiro era menos do que desnecessário.

- Só um minuto.

Ouviu-se um som de, provavelmente, o telefone sendo colocado em cima de uma mesa ou algo do gênero e um grito de rachar os ouvidos que eu não consegui desvendar o que significava. E depois outro, só que um pouco mais distante... Barulho de telefone sendo desligado e enfim...

- Heey! – a doce e animada voz da Ana ecoou pelo telefone.

- ANA! – eu dei um berro. Foi mal, mas eu estava “meio” desesperada.

- Calma garota! Eu também estou com saudade, foram... – ela deu uma pausa – Sete horas bem longas! – ela disse isso com total sarcasmo.

- Não é isso! Eu preciso da sua ajuda, agora! – fui direto ao assunto, sem enrolar, *por favor!*

Ouve outra pausa:

- Estou indo aí. – e a ligação caiu.

Vinte minutos depois Ana estava sentada na minha cama, fitando-me com certo interesse. Eu estava meio apreensiva agora,

mas contei-lhe todo o encontro com o Caio - mas obviamente – sem antes implorar-lhe para não contar para ninguém – pelo menos não em detalhes, assim como eu tinha dito a ela!

- Então ele te deu um puta beijo e depois foi embora...? – ela perguntou como se fosse a coisa mais esquisita de todas... Ah, qual é, diga-me algo que eu não saiba!

- Por aí... – ela fez uma careta – é! Tudo bem! Admito, foi isso! Eu não sei o que pensar! – afundei-me nos travesseiros em total desespero!

- Sinceramente, nem eu! – não sei por que, mas não acreditei no que ela disse. A Ana muda o tom de voz quando mente... Ela fica um pouco mais aguda, o que infelizmente a entrega na hora.

Levantei a cabeça e semicerrei os olhos para ela, totalmente desconfiada.

- Tem certeza, Ana?

Ela arregalou os olhos e corou, virando a cabeça instantaneamente, tentando esconder seus expressivos olhos de mim. Tarde demais. Eu me sentei:

– O que você está escondendo de mim? – silêncio – Ana, por favor... Eu preciso saber de tudo! – mais silêncio – ANA! – eu gritei.

Chega de esconde-esconde, preciso da verdade...! As pessoas ficam me poupando, escondendo as coisas de mim, achando que já passei por muita coisa e que não preciso de mais. Eu *odeio* quando mentem para mim! Qual é o propósito da verdade se as pessoas só contam mentiras? Qual é a graça delas? Eu sei que *essa* situação em si é uma besteira para ficar brava, mas chega de mentiras! TODAS! Ninguém vai lucrar com elas, muito menos eu!

- Você não vai gostar! – ela disse com a voz baixa, controlada.

- Eu. Preciso. Saber. AGORA! – eu estava *realmente* estressada!

- Acho... – ela finalmente me olhou – Desculpa, Mel, mas acho que ele tem outra.

Não. É mentira. Não dá para acreditar em algo assim... É impossível. Não pode ser... Não pode ser... Ele... não pode ter outra! EU não posso ser a outra! IMPOSSIVEL!

Eu não sei como estava a minha cara – e sinceramente não queria ver – mas ela assustou a Ana:

- Viu! Eu não devia ter dito! – ela começou a recuar.

- Cala a boca, Ana, eu tenho todo o direito de saber! – eu sei que estava sendo totalmente rude... mas dá um desconto vai, eu estou em um momento de crise aqui!

Ela estremeceu e me obedeceu – dá-lhe agressividade – me fitando preocupada, provavelmente pensando em argumentar.

Enfim, ela conseguiu:

- Eu posso estar errada! Às vezes pode ser outra coisa! Talvez ele só tenha achado que era cedo demais... Ou que ele quer algo mais sério com você para começar assim tão cedo! Sei lá! Só sei que o que eu disse pode não ser verdade. Não é concreto!

- Você só diz isso para fazer com que eu me sinta bem! – eu disse baixinho, magoada.

- Bem... – ela parecia meio atrapalhada – Deu certo? – ela levantou a sobrancelha expressando dúvida de verdade.

Eu ri e atirei-lhe um travesseiro. Só Ana para me fazer rir quando eu quero chorar.

- Sinceramente, deu! – e ela riu comigo atirando o travesseiro de volta em mim!

- Finja que eu não disse nada! O Caio não é como os outros garotos, eu *sei* que não é! Confie em mim

- Eu confio! – assegurei-lhe.

- Sério, esqueça isso!

- Já esqueci! – mas era mentira, eu não tinha esquecido coisa nenhuma!

Depois da Ana ir embora, tomei um longo banho e deitei em minha cama, pensando em suas palavras. Eu realmente não esqueci tudo aquilo, sei que o Caio é misterioso e que não posso compará-lo com outros meninos. Mas quando ponho uma coisa na minha cabeça, ninguém tira. Ninguém mesmo. Ele pode ter os segredos dele, mas eu também tenho os meus. Como exemplo: Eu amo mistérios.

Acordei tão cansada como se não tivesse dormido, o que de fato não é mentira, considerando que passei a noite inteira pensando nessa do Caio e outra namorada. Graças a Deus hoje era sexta! Tomei café, meu pensamento distante, pude sentir que minha tia notou, mas mais uma vez ela não disse nada. Eu gosto da minha relação com a minha tia, é a típica “Não sei de nada”! Eu curto pra caramba!

Quando caminhei para a escola nada mudou, muito menos quando cheguei e menos ainda, na aula de Português. Tudo era um tédio habitual, mas dessa vez meus pensamentos estavam em um lugar que eu desejava que não existisse.

Eu não percebia nada nem ninguém a minha volta, mas podia sentir sua presença ali. Tanto quanto podia sentir seu olhar fixo em mim. Eu queria olhar, queria ver aquele sorriso doce que acariciava minha alma de maneira adorável, queria ver aqueles olhos que faziam meu coração pular e minhas mãos suarem frio e, mais que tudo, eu queria sentir aquele gosto que fazia meu mundo sair do eixo – mais do que já estava – e meu coração parar de bater. Mas me contive. Contive-me porque eu estava magoada, totalmente magoada com o que acontecera no dia anterior.

Não só – mas também – pelo que a Ana me falara, porque ele me beija e depois dá as costas, como se não tivesse acontecido nada... Ou como se tivéssemos brigado...! Mas nós não brigamos e aconteceu uma coisa *sim* ontem, uma coisa que *foi* especial para mim, mas parece não ter sido para ele. E *isso* magoou, e muito. Magoou ele ter achado que foi um erro. Por que, para agir daquele jeito, com toda certeza ele pensou assim. Mas eu empinaria o nariz, com toda certeza! Não ficaria assim! Se foi um erro para ele, foi para mim também!

Mal bateu o sinal e todos os alunos já estavam de pé conversando como se não houvesse um professor na sala e logo ele não demoraria a sair. Algo alto fez sombra em minha carteira, mas eu ignorei, pois sabia perfeitamente quem era. Eu comecei a me levantar, mas ele segurou o meu braço, sem ser agressivo –

diferente do modo como eu olhei para ele – foi suave, apenas um toque, para mostrar que ele estava ali. Fui rude:

- O que você quer, Caio? – não estava muito afim de papo, pelo menos não com ele.

- Desculpa por ontem. Eu... Eu só... É que... – Eu preciso dizer que ele estava todo atrapalhado? Ele suspirou – Olha, Mel, eu fui embora daquele jeito ontem por que eu não sei se o que eu fiz foi certo ou não! E que...

Eu o interrompi. Estava certa, afinal.

- Se foi um erro para você, então finja que nada aconteceu e me ignore. Fique tranquilo, eu vou facilitar para você! – Puxei meu braço com violência, tanto que até machucou, mas contive a careta de dor.

- Não é isso! – Ele se apressou, e logo abriu um sorriso meio cruel – se você me deixar terminar – levantei uma sobrancelha – Eu disse isso porque não quero ir rápido demais! Não entende? Se eu correr muito, você vai pensar que só quero ficar com você, mas não é isso! – ele corou e desviou o rosto, dizendo baixinho – você é especial para mim.

Para tudo, momento fofura! AAAAAAAAHH! AH MEU DEUS! EU SOU ESPECIAL PARA ELE. NÃO RESPIRO, NÃO RESPIRO, NÃO RESPIRO! PÂNICO TOTAL! O que eu faço? Ah meu Deus! O que eu falo?

Antes que eu pudesse pensar em alguma resposta, o professor de Geografia entrou na sala. JURO que quase dei um beijo nele. Acho que a partir de hoje eu vou *amar* Geografia.

E eu passei toda a aula pensando no que o Caio tinha me dito. Quando os outros sinais bateram, ele não veio atrás de mim e eu não fui atrás dele. Aquilo que ele me disse... Eu não sei, o modo como ele ficou... Eu estou confusa. Muito confusa. Nada mais faz sentido para mim. Mas de uma coisa eu definitivamente estou certa:

Eu ainda não engoli essa.

Constrangida

Meus passos quebravam o oco silêncio da tarde na rua deserta, competindo com o fraco canto dos pássaros e os burburinhos de carros que passavam ao longe. Estava imersa em pensamentos, que só envolviam uma pessoa: Caio.

Saí da escola às pressas tentando evitá-lo ao máximo, simplesmente porque *não consigo* acreditar nele. Não dá. A história está muito mal contada para o meu gosto. Não faz sentido. Eu tento encaixar a peças, mas faltam muitas delas para que eu entenda o que o quebra-cabeça quer dizer. Sinto-me uma idiota parada, fitando-o com tanto interesse e sede de resolvê-lo, mas sem chegar a lugar nenhum. Eu quero o sentido de volta, antes que isso acabe comigo!

Até que pude ouvir o fraco barulho de passos atrás de mim. Eram tão fracos, que seriam facilmente confundidos com os pássaros ou os carros. Mas não para mim. Depois de tudo que passei, era impossível não se perceber. Eu tenho isso na minha cabeça, de que vão vir atrás de mim para me buscar, me levar para o mesmo lugar que levaram meus pais. Não parece tão insano se você analisar bem! Eu olhei para trás, e tive que conter com extrema força o “Droga” que lutava para sair da minha boca.

Que bom. Que *ótimo*! Eu praticamente voei pelos corredores da escola, saí andando na rua com esse uniforme ridículo e uma mochila extremamente pesada – se bem que, eu já sou obrigada a fazer isso cinco dias por semana – peguei um caminho totalmente diferente – e agora eu não faço a *mínima* idéia de onde eu esteja – para evitar esse garoto e, no entanto ele está atrás de mim. É isso que eu chamo de perseguição!

Virei a cara, tentando fingir que ele era apenas mais uma pessoa qualquer, andando numa rua qualquer. Mas logo ele estava ao meu lado.

- Não acha que está meio perdida? – ele perguntou cheio de sarcasmo. Eu fiquei quieta – Quer ajuda?

- Eu sei me virar muito bem sozinha! – fui rude. De novo. – Além do mais, você não é de outra cidade? Por que se for assim, você sabe tanto quanto eu sobre as ruas daqui!

-Como você tem tanta certeza de que eu sou de outra cidade? – touchê!

- Pois é! Eu não faço a *mínima* idéia de onde você seja! Já notou isso? Porque eu notei muito bem!

Ele suspirou pesadamente.

- São Paulo. Mesma cidade que você, suponho.

Abri a boca, pronta para argumentar, mas acontece que eu não tinha nada para falar. Nada mesmo! Seguiu-se um silêncio bem desagradável, que ele teve a coragem de quebrar. Não sei por que ainda falo isso! É ele que sempre quebra mesmo!

- Sobre hoje na aula...

O interrompi, eu realmente estou cansada de tudo isso!

- Eu não quero falar sobre isso Caio! Ou pelo menos não com você!

Eu queria sair correndo, deixar ele ali falando sozinho. Mas não podia fazer isso. Não podia por dois motivos:

Eu não tenho a mínima idéia de onde eu esteja;

Eu estou farta de fugir. Alguma hora eu vou ter que enfrentar isso, então porque não agora? Chega de tudo isso! Chega!

Então, eu simplesmente joguei minha mochila no chão – cansei daquele peso terrível nas minhas costas, entortando a minha coluna! Deveria ser proibido usar mochilas! – e me virei para ele, levantado a cabeça para fita-lo nos olhos – não sou eu que sou baixa, ele é que é muito alto!

- Como você ficou sabendo que eu vim de São Paulo? – aquele sorrisinho chato (e lindo) sumiu antes mesmo que eu me virasse. Bom, muito bom que ele finalmente esteja me levando a sério! – Porque, sinceramente, eu não me lembro de maneira alguma de ter te dito de onde eu vinha!

Ele ficou quieto, sério, olhando para longe, recusando a me olhar nos olhos.

- Em Caio? Me diz!

- Eu... As meninas me falaram!

- Como, se eu não disse para elas? – eu não deixaria passar nada!

- Ora, por favor, Mel! O nome da sua família ficou em todos os noticiários por uns dois meses! Acha que não disseram que tudo isso foi em São Paulo? Todos eles dizendo sobre como a filha mais nova teve a sorte de não estar em casa na hora do crime? A imprensa só não ficou te perseguindo porque você se mandou com sua tia assim que teve a chance e ninguém soube para onde você foi, porque ninguém faz a mínima idéia de que exista uma cidade chamada Luária! Eu não queria falar porque sei como o assunto da sua família é delicado!

Eu fiquei sem palavras por um curto tempo. Ele tinha razão, sobre tudo! Era impossível alguém nesse país não saber de onde eu vinha e qual o meu sobrenome. E ele estava certo também sobre o assunto da minha família ser delicado para mim; A dor que martelava em meu peito agora estava gritando alto, porque sabia que sua presença tinha sido mais lembrada do que é normalmente.

- Mas ainda não é só isso! Reparou que eu não sei absolutamente nada sobre a sua vida? Tirando agora, de onde você vem.

Ele semicerrou os olhos e deu uma resposta mais direta do que eu imaginava:

- Caio Baldan. Moro com os meus tios aqui em Luária, saí de São Paulo e vim porque estava cansado de tanto movimento. Eu queria um pouco de paz. Sou adotado, meu pai me achou na rua quando eu tinha três anos. Não me pergunte nada daí para trás porque eu não me lembro e não quero me lembrar! Meu pai me criou sozinho! Eu e mais cinco irmãos, todos tirados da rua! – ele parou por um segundo, respirando e me fitando tão intensamente, que eu me contive para não recuar. – Feliz agora?

Apenas assenti perplexa comigo mesma, por tê-lo pressionado tanto! Às vezes eu esqueço que não sou só eu que tem uma vida sofrida, cheia de mágoas que te puxam para baixo. Eu fui extremamente egoísta com ele!

- Sabe, não é só você que tem um ponto fraco! Eu também tenho um! – ele parou de me fitar daquele jeito e fitou o horizonte, a expressão cansada.

- Me desculpa! Eu não sabia... – deixei minha voz morrer, não havia muito que dizer!

Seguiu-se um silêncio, um silêncio que eu não sei se era desagradável... Era mais porque eu tinha certeza do que ele iria querer saber agora e eu não queria tocar no assunto, mas era necessário. No entanto, se ele quer tanto saber é melhor e/e perguntar!

Então, como era de se imaginar, ele quebrou o silêncio:

- Você não acredita, não é?

Não entendi o que ele quis dizer com aquilo. É claro que eu acredito nele! Quer dizer, por que eu não acreditaria que ele vem de São Paulo, que é adotado, tirado da rua... Porque alguém mentiria sobre isso? A não ser que não seja isso que ele esteja querendo dizer...

- Como? – ainda assim me fiz de idiota. Tinha certeza que o meu rosto ainda estava convincente o suficiente.

- Você não acredita! Você ainda não acredita que você é especial para mim! Como pode não acreditar? – olha, eu realmente não acredito nele, mas devo confessar que foi bom ouvir!

Ele estava esperando uma resposta. Eu tinha que falar alguma coisa e tinha que ser a verdade! Chega de mentiras, lembra?

- Eu só não consigo engolir! – desviei a cara, não dava para falar algo assim e ainda continuar olhando-o nos olhos.

Eu imaginei como seu rosto deveria estar e meu coração doeu. Eu tinha que ver o tamanho do estrago... Eu tinha...! Então olhei para cima e a dor que senti foi tanta que me arrependi instantaneamente pelo que eu disse. Seu rosto estava todo contorcido em puro ódio, mas a dor era tão explícita em seus olhos que minha alma ardeu. Ele percebeu que eu o fitava e virou o rosto, tentando escondê-lo de mim. Tarde demais.

- Vire nessa primeira esquina, ande reto por três quarteirões depois vire à direita e siga andando. Você vai saber quando tiver

chegado na sua casa.

E com isso, deu as costas para mim e saiu andando, ereto, como da primeira – e pelo o visto última – vez que nos beijamos.

Joguei a minha mochila no sofá e subi as escadas a passos largos.

- Melissa, onde você esteve! – ouvi minha tia gritando no fim da escada – Melissa tem noção do quanto eu fiquei preocupada?

Mas eu a ignorei, entrei em meu quarto e bati a porta com força atrás de mim. Deitei em minha cama e controlei as lágrimas que lutavam para sair. Chorar parece ridículo, mas eu fui tão idiota... Eu o julguei mal, fui injusta com ele! É como ele mesmo disse, eu tenho meus pontos fracos, mas ele também. Não sou só eu que tenho direito de sofrer! Eu deveria ter ficado quieta enquanto eu ainda podia. Mas eu não menti, eu *realmente* não engoli essa de “você é especial para mim”! Alguma coisa aí não faz nenhum sentido! Além do mais, se eu for fácil demais ele cansa!

Eu queria conversar com alguém, desabafar, alguém que já conhecesse a história, que eu não precisasse dar muitos detalhes – pelo menos não do começo – eu precisava da Ana. De novo!

Eu comecei a me virar para pegar o telefone, mas como um adivinha, ele tocou e eu o atendi antes do segundo toque:

- Alô? – disse com a voz apressada, querendo ligar logo para Ana!

- E aí, Mel? – Um sorriso rompeu em meus lábios. Eu adoro quando ela faz isso.

- Ana! Já ia te ligar!

- Me deixa adivinhar: Caio?

Não queria responder, mas fui forçada pela razão a soltar um “Aham” e suspirei, me afundando no travesseiro. Acho que eu acabara de arranjar um novo diário.

- Bem, você vai ter muito tempo de se ajeitar com ele hoje à noite – ergui uma sobrancelha, mesmo sabendo que ela não podia ver – Vai ser a festa de aniversário da Pati! E Você vai ter muito tempo de nos contar tudo quando vier nos ajudar com os

preparativos. Tentei falar com você no fim da aula, mas você saiu correndo! Então esteja na minha casa as 17:00... e pronta! – eu sabia onde a Ana morava, tinha ido lá uma vez fazer trabalho.

- As 17:00... e ainda pronta? - olhei no relógio, três da tarde – mas se for assim eu vou ter que começar a me arrumar agora!

Ela riu:

- Você é que nem eu, não é? – deu uma pausa – Então corra!

Começou a fazer barulho de quem ia desligar o telefone, mas eu a impedi:

- ANA! – gritei para que ela ouvisse

- Sim?

- A Pati está bem?

- Ela era bem apegada ao avô! Mas com toda certeza ela está melhor! Até mais, Mel!

- Até!

Em vez de me lamentar mais um pouco, saí da cama e fui em direção a porta, desci as escadas e encontrei minha tia vendo T.V. Desde que cheguei, ela tira folga às sextas para poder “ficar comigo”. Só que ela nunca fica mesmo!

- Tia, desculpa ter chegado atrasada hoje, é que a Ana não pode vir comigo – Mentira, eu não quis ir com ela – e eu me perdi, tive que me virar sozinha, então eu demorei. E eu me estressei, por isso fui mal educada. – eu estava farta de mentiras, mas era necessário!

- Porque não me ligou? – ela parecia indignada.

- Ah... Celular sem bateria.

Ela suspirou e pareceu pensar por um minuto. Enquanto isso, eu me sentei ao seu lado no sofá e esperei sua resposta. Por fim, ela disse:

- Tudo bem, perdoada! Mas vê se põe esse celular para carregar!

Sorri!

- Pode deixar! – comecei a me levantar, mas me virei – Ah, e tia, hoje vai ter festa de aniversário da Pati na casa da Ana e ela pediu para eu ir às 17:00 para ajudá-la a arrumar tudo!

- Então esteja pronta às 17:00 que eu te levo para comprar um presente e depois te deixo na casa da Ana!

Eu abri um sorriso radiante e corri para Tia Jé, dando-lhe um forte abraço e um beijo no rosto. Pude ouvi-la rindo enquanto subia as escadas aos pulos.

Gastamos horas naquilo tudo. HORAS. E devo admitir que foram *muito* bem gastas, porque estava tudo lindo. Foi só o pessoal começar a chegar e já estava tudo desabando. Eu não sei quem foi que trouxe aquele mundo de bebidas alcoólicas, mas tenho certeza que não foi a Ana que pediu – apesar de que eu não estou achando *tão* ruim assim. Aquilo ali no canto não parecem brasinhas? Disso tudo só se tira uma conclusão: Adolescentes...!

Eu me senti meio desconfortável com os vários olhares significativos para minhas pernas. Tá, eu mereço! Ninguém mandou por um vestido curto! Mas é que nem era tão curto assim! Uns 10 dedos acima do joelho, preto de babados, com uma meia-calça arrastão por baixo, peep toe e um bolero da cor do vestido, porque estava meio frio. Nada demais! A minha maquiagem também estava meio significativa – a Ana quem fez.

Eu precisava de paz, urgente! Aquele lugar estava abarrotado, tinha tanto penetra que chegava a dar medo! É sério, acho que a Pati só conhecia 30% das pessoas que estavam ali. E isso porque ela era tão “Pop” quanto a Ana! Imagina eu...! Só conhecia 10%! Tudo fugira demais do controle e não tinha nenhum adulto na casa – pelo menos não responsável – já que os pais da Ana saíram para jantar!

E sabe qual é o pior de tudo isso? É que eu não vi o Caio – como eu poderia querer? Olha a bagunça que está isso! Eu conversei com as meninas e elas disseram que eu deveria esquecê-lo e arrasar na festa para mostrar a ele o que estava perdendo. Só que eu não vi nem a sombra dele. Eu estava *realmente* estressada com essa situação.

Fui até o balcão de churrasco, onde colocaram as Ices e peguei uma – minha terceira – e me virei para o garoto do outro lado, para

que ele a abrisse para mim. Bebi no gargalo mesmo. Eu também tinha bebido uns três (talvez quatro) copos de um líquido gostoso que eu não sabia o que era. Comecei a entrar na casa e dei de cara com uma sala lotada de casais, a maioria se beijando. Com uma careta, fui em direção a sala de T.V. Estava tão estressada que comecei a virar a Ice com desespero. Devo confessar que estava meio zonzá, definitivamente mais louca do que deveria estar, mas não estava bêbada! Tenho certeza que é tudo fruto do estresse!

Entrei na sala e parei a menos de dois passos. Sentados no sofá estavam o Flávio, o Leandro – um dos amigos do Flávio – e, ninguém mais ninguém menos, que o Caio. Tive que segurar para não cuspir a bebida toda no chão, então engoli o que estava na minha boca e dei um sorrisinho sem graça, tentando não parecer idiota.

- Alguém viu a... – não sei por que, mas o nome fugiu da minha cabeça. Por sorte, não demorou muito a vir – Ana ou a Pati... Ou as duas.

A forma que eu disse soou tão esquisita... não entendi o motivo!

Todos murmuraram “nãos” e eu comecei a me retirar e estaria tudo bem SE eu não tivesse levado o maior tropeço, tendo que me segurar na soleira da porta para não espatifar no chão.

- Mel? – alguém perguntou atrás de mim.

- Tô bem! – eu disse, já de costas, levantando a garrafa em minhas mãos. E também estaria tudo bem se um dos meus passos não tivesse falhado e eu não tivesse que por o outro pé às pressas na frente para não cair, só que quase virei o pé por causa do salto e tive que parar um pouco para pegar equilíbrio.

Por que essas coisas só acontecem quando estou em público?

Reformulando a pergunta: Por que essas coisas só acontecem quando estou na frente de garotos?

Reformulando a pergunta, de novo: Por que essas coisas só acontecem quando estou na frente do *Caio*?

Para não fazer mais papel de retardada, eu continuei andando como se nada tivesse acontecido e pude ouvir os meninos comentando:

- Ela está bêbada! – um deles falou.

- Muito bêbada! – o outro

- Aham! – e o último. Não sei quem disse o que, não dava para definir.

Eu não estava bêbada! Claro que não! Eu ainda estava em minha sã consciência. Só um pouco zonza e com uma chata inquietação na barriga! Mas nada demais. É impressão minha ou tem alguns pontos pretos em minha visão?

Como para provar minha suspeita, me desequilibrei totalmente e comecei a cair - minha Ice escorregando da mão – eu teria ido de cara no chão se alguém não tivesse segurado meu braço com firmeza. Um “droga” veio sussurrado acima de mim e ergui meu rosto, a ponto de ver Caio parado, me fitando preocupado.

- Não! – eu protestei – não preciso de você!

Mas Caio me ignorou. Ele me puxou até que ficasse em pé – mas nem um pouco equilibrada – e passou as duas mãos na minha cintura, me puxando até que estivesse sobre seu ombro. E saiu andando pelo corredor, os meninos em seu encalço.

- Me põe no chão, Caio! – comecei a esmurrá-lo loucamente, na esperança de que ele me obedecesse – eu quero descer!

Meus socos não faziam nem cócegas nele, então comecei a me remexer desesperadamente, aquele movimento todo estava começando a me deixar *realmente* enjoada.

- Pare com isso! – Caio brigou – antes que eu te derrube!

Então, com um gemido de derrota, eu desisti soltando o meu corpo e deixando que ele me carregasse, fechando os olhos bem fechados, me concentrando para não vomitar.

Por fim, a andança parou, e entreabri meus olhos, mas fechei-os rapidamente graças a uma forte claridade que dominava o ambiente. Fui posta sentada em algo extremamente frio, e enfim abri meus olhos para ver o que era.

A pia. Estávamos no banheiro – provavelmente a suíte da Ana, pelo que reconheci – e isso era bom, já que eu não fazia a mínima idéia de quanto tempo ainda aguentaria aquele enjôo.

Não fiquei com os olhos abertos por muito tempo, logo fechei-os tentando aquietar o meu estômago. Não aqui, não agora, não na

frente do Caio! Por favor, estômago lindo! Não faz isso comigo!

- Vão procurar a Ana – o Caio falou, provavelmente para os garotos – Digam-na que estamos no quarto dela com a Mel, que ela está passando mal e que é para ela vir aqui! Rápido! – pude ouvir barulho de passos – Fechem a porta! – Caio disse mais alto.

Lá dentro estava calor, muito calor. Eu suava muito, então tentei desesperadamente tirar o meu bolero, arranhando sua borda, puxando-o para cima, mas não adiantava; ele estava amarrado na frente! Eu queria tirá-lo; eu queria respirar!

Abri meus olhos e olhei para o bolero. Pude ver Caio de rabo de olho mexendo em algo na pia – um pano, talvez – com a torneira aberta. Com as mãos trêmulas, tentei desatar o nó do meu vestido, mas não dava, minhas mãos tremiam demais!

- Tira isso de mim! – eu gemi, com as mãos ainda no nó.

Isso atraiu a atenção de Caio e ele voltou a ficar diante de mim, mas hesitou um pouco. Enfim, desatou o nó e, com uma delicadeza um pouco desnecessária, retirou o casaco e colocou-o de lado.

- Obrigada – eu sussurrei.

Ele puxou aquilo em que estava mexendo na pia – eu comprovei que era um pano, molhado! – e disse:

- Feche os olhos! – eu o obedeci, estava farta da claridade mesmo! Sem contar que tudo ainda girava bastante.

Ele passou o pano em meu rosto e nuca de maneira terna – provavelmente tinha notado o quanto eu estava suando.

- É impressionante o quanto você fica obediente quando está bêbada! – ele disse e fez um careta. Depois ninguém disse mais nada.

A primeira ânsia veio nem meio minuto depois. Eu consegui contê-la – com certeza não por muito tempo – mas o rápido movimento que veio a seguir fez vir mais uma, que definitivamente eu não controlei.

Abri meus olhos e fiquei realmente feliz em ver que estava vomitando no vaso sanitário – seria tenebroso se vomitasse no Caio, que estava atrás de mim segurando o meu cabelo; o que já era ruim o suficiente.

Eu odeio vomitar, além de deixar um gosto horrível na boca, dá uma sensação totalmente desagradável. Como que para piorar a minha vida, naquele mesmo momento a Ana entrou no banheiro – provavelmente com os meninos atrás. Mas não deu para ver, eu estava meio ocupada – e escancarou a porta.

- O que está... Ah merda! – e saiu fechando a porta.

Não demorou muito para eu acabar, já que não tinha muita comida no meu estômago. Quando parei de por as tripas para fora e apoiei o queixo no vaso, fechando os olhos com força para ver se não ia vir mais, Caio largou meu cabelo e levantando-se, seguiu em direção à porta.

- Vou pegar água. – e saiu.

Logo eu soube que não veria mais nada, então, com extrema dificuldade e me apoiando na pia – ainda estava bem zonzá – eu me levantei e dei descarga, me apoiando em direção à torneira. Assim que ouviu o barulho Ana abriu a porta e fiquei feliz em ver que estava sozinha no quarto.

Com dificuldade – tendo que me apoiar em uma mão só – abri a torneira e me encostei com a barriga na pia. Agachei-me e lavei a boca, fazendo gargarejo. Mas a minha tramóia não durou muito! Foi só eu cuspir a água, e como se estivesse sincronizado, eu caí com força de bunda no chão.

Eu ainda estava de salto! Por que raios ainda estava de salto? Será que ninguém pensou em tirar aquela merda de mim?

- Deus, Mel! – exclamou a Ana assim que viu que caí.

Eu não tinha mais força, vomitar e me apoiar na pia usou toda a que me restava. Não fazia sentido, ficar bêbada não era assim – ou pelo menos eu acho! O álcool não podia fazer tudo isso, podia? Porque, eu ainda estava ciente de tudo, não estava doida ou algo do gênero e conseguia controlar meus pensamentos e falas perfeitamente bem! Eu só estava *bem* zonzá – tipo, a ponto de não conseguir me manter em pé. Não fazia sentido!

Apoiei minha cabeça no chão e fechei os olhos tentando clarear meus pensamentos e tossi de leve. Ana segurou meus ombros e

tentou me levantar, mas eu era pesada demais para ela. Por fim ela começou a me arrastar com dificuldade para o quarto.

Até que a porta se abriu e se fechou.

- Mas o que...? – A voz do Caio soou pelo quarto e finalmente eu estava pendida no ar.

- Vou puxar a cama debaixo para você colocá-la.

Fez-se barulho de alguma coisa sendo arrastado pelo quarto e em seguida eu estava deitada em algo macio. Finalmente, alguém se lembrou de tirar os meus sapatos.

- Travesseiro e lençol, ela está muito suada para edredom! – Disse Ana.

Minha cabeça foi erguida e algo fofo e macio foi posto sob ela. Um tecido fino e suave me cobriu.

- Ana, - Caio disse – ligue para tia dela e peça que deixe Mel dormir aqui. Diga que dormiu em sua cama, que você não quer acordá-la e que empresta um pijama! Ela não pode voltar para casa assim!

- Mas são três da manhã! – indagou Ana.

- Mas ela iria ligar para casa dela essa hora mesmo!

Ouvi barulho logo acima de onde eu estava – alguém mexia na mesa de cabeceira. Depois, o som da Ana falando ao telefone ocupou o quarto, mas não me preocupei em prestar atenção.

Meu estômago ainda estava inquieto, mas já não tinha mais nada nele que pudesse ser preocupante. Eu tinha medo de abrir os olhos porque a tonteira ainda era muita. Meus pensamentos não faziam sentido, nada parecia estar no lugar. Eu queria dormir e rezar para tudo passar. E eu não me referia só ao meu atual estado.

Podia sentir o Caio do meu lado e devo acrescentar o quão constrangida estava por isso. Ele estar ali, nesse momento tão tenso. DEUS, eu queria desaparecer. Pude sentir mais alguém se sentando na cama ao nosso lado – sim, ele estava sentado na cama comigo.

- E o que ela disse? – a voz do Caio ressoou pelo quarto. Só então percebi que Ana desligara o telefone.

- Que pode, mas quer conversar com minha mãe pela manhã! – Ana não parecia muito contente com isso.

- Minha mãe não vai contar se eu pedir, tenho certeza. – um suspiro, não sei ao certo de quem. É tia, sempre tão exigente.

Seguiu-se silêncio, não um desagradável, apenas um em que ambos – acredito – estavam digerindo as últimas palavras da Ana. Acho isso porque *eu* também estava. Não queria nem imaginar a cara da minha tia se ela sonhasse que me embebedei. Não mesmo!

- A drogaram, tenho quase certeza! – pude sentir o pulo da Ana quando o Caio falou.

- Como assim? – a voz de Ana soava confusa.

- Olhe para ela! Continua sã! Tonta, com ânsia e, julgo eu, com pensamentos desfocados! Mas sã! Ela mede as próprias palavras, sabe o que está fazendo! No começo, também pensei que estivesse bêbada, mas depois pensei direito e percebi.

Um curto silêncio.

- Mas o que...

- Não sei! Talvez algo que tenha tomado! Podem ter posto na bebida dela. O que será que ela tomou?

- Precisamos saber! Será que ela está acordada...?

- Tentem perguntar! – eu disse, dando um fraco sorriso sarcástico.

- Mel! – Caio sobressaltou-se – você está acordada! O que tomou na festa?

Franzi o cenho, forçando-me a lembrar. Não conseguia me focar em algo por muito tempo, a minha cabeça estava muito confusa! Quase nada fazia sentido. Eu lembro de pouco, muito pouco. Ices e... Um líquido branco... Talvez amarelo claro... Ou era escuro? Não sei o que era.

Eu disse isso a eles, que não pareceram felizes a julgar pelas vozes.

- Definitivamente a drogaram! – Caio falou em tom perplexo e depois mais alto, como se quisesse me incluir na conversa e eu estivesse longe dele – É isso que dá beber algo sem saber o que é!

Resisti ao forte impulso de mostrar-lhe o dedo do meio. Não era hora para isso. Estávamos num momento muito tenso aqui, principalmente para Ana, que tinha um monte de drogados na casa

dela. E olha que espetáculo, eu era um deles. Caio tinha razão, é isso que dá beber algo sem saber o que é! Eu arrisquei abrir os olhos, tudo ainda girava, mas já estivera pior. Eu fitei o Caio por um curto tempo – olhando a Ana de relance, uma ou duas vezes – quando a porta foi escancarada.

- Ana! – a Pati entrou falando em total desespero – eu sei o que aconteceu com a Mel, os meninos me contaram, mas ta rolando a maior briga lá embaixo e você *tem* que me ajudar! AGORA.

Ana se levantou em um salto e me olhou com um pedido de desculpas, antes de ser agarrada no braço pela Pati e arrastada para fora, batendo a porta atrás de si.

Quando elas se foram, Caio e eu nos fitamos por mais um tempo até que cansei e fechei os olhos. Fiquei com vergonha de dormir com apenas nós dois no quarto, mas meu cansaço era realmente notável.

Caio, como se soubesse o que estava acontecendo em minha tosca mente, começou a acariciar meus cabelos de maneira sutil e delicada e foi impossível resistir ao sono. Por fim, depois de mal tentar, eu cedi.

Convencida

A luz entrou pela janela em tons de roxo graças às cortinas da Ana. Uma dor latejante tomava conta da minha cabeça. Eu já estava acordada fazia algum tempo, fitando a imensidão pouco iluminada do quarto. Devia ser meio-dia para claridade entrar tão forte assim. Para confirmar, me virei de bruços e estiquei o pescoço – Minha cabeça latejando ainda mais com o movimento – até enxergar o relógio de coração sobre a mesa-de-cabeceira e verificar as horas. Eu estava certa, era meio-dia e dez.

Deitei-me de novo e olhei debaixo da cama e pude ver a Pati dormindo num colchão inflável do outro lado. Coitada, era para ela estar dormindo nesse colchão e não naquele terrível que com o mínimo movimento já faz um barulho infernal. Não era nem para eu estar aqui!

Ontem tinha sido tão confuso... Eu me lembro de tudo (eu acho), mas era turvo e sem sentido, principalmente o que acontecera depois de me drogarem. Minha cabeça doeu mais quando forcei meus pensamentos. Não entendo porque alguém faria isso, quer dizer, me drogar! Eu não conhecia praticamente ninguém naquela festa e mesmo que conhecesse, eu moro há tão pouco tempo aqui para já me odiarem. E mesmo se me odiassem, isso é tão tosco e imaturo... essa de drogar alguém. Droga é uma coisa séria que não deveria ser usada nem por opção.

Subitamente, me veio algo à cabeça. Meu irmão foi acusado de usar drogas e disseram que traficantes mataram ele e meus pais graças a dívidas não pagas. Dívidas de drogas. Meus pais, morrendo de maneira frívola e dolorosa, graças às drogas.

Levantei-me da cama num pulo, minha cabeça gritando com o movimento, como se ele fosse a causa do meu pensamento e que se eu me levantasse, iria afastá-lo de mim, para bem longe. Mas não adiantou nada. O pensamento ainda dançava em minha mente, sedento da minha tristeza.

Fui a passos largos até o banheiro. Abri a porta e fechei-a atrás de mim, parando diante da pia. Joguei água no meu rosto diversas e diversas vezes, até sentir que ia me afogar. Talvez assim aquilo saísse da minha mente. Depois puxei a toalha de rosto e me sequei. Quando acabei, fitei-me no espelho e só então notei que dormira de vestido de festa, que a maquiagem no meu rosto estava toda borrada e que eu sujara inteira de preto a toalhinha amarela com um “ANA” bordado em linha rosa clara.

Enfiei a toalha embaixo d’água, peguei algodão e demaquilante e comecei a tirar aquele borrão preto e roxo da minha cara. Escovei meus dentes com o dedo, caprichando bastante, tomando cuidado com a minha dolorida cabeça. Depois eu daria um jeito na questão da roupa. A Ana e eu provavelmente usávamos o mesmo número, o que significava que eu podia pegar algo emprestado. Até porque, encharquei meu vestido com essa lavagem de rosto.

Saí do banheiro com extremo cuidado e me ajoelhei perto da cama auxiliar, *tentando* arrumá-la. Normalmente, sempre que chegava, minha cama estava perfeitamente feita por uma das empregadas do papai; o que significa que eu não fazia idéia de como se arrumava uma cama. Na casa da tia Jé minha cama raramente era arrumada e, quando era, era minha tia que cuidava disso.

Por fim desisti e só tirei o lençol e o travesseiro, empurrando a cama para o seu devido lugar – que era embaixo da cama de Ana – e pondo o resto na cadeira do computador. Suspirei quando acabei.

A porta se abriu de maneira suave e dei um pulo controlando-me para não gritar. Uma mulher, que julguei ser a mãe da Ana, me fitava confusa da porta. Eu achei isso porque ela tinha o mesmo tom chocolate da filha e, definitivamente o mesmo nariz. Os cabelos eram curtos, lisos e negros, até o queixo. Os eram olhos castanhos, mais claros que o tom da pele. Sua aparência sutil e delicada deixava a impressão de ser daquelas que choram quando quebram uma unha. Parecia estar no auge dos 30 anos. Bem nova para ter uma filha de 16.

- Você deve ser a senhora Barbel, mãe da Ana. – Falei baixinho dando um passo para frente com a mão estendida e a moça a

pegou, me cumprimentando. – Eu sou Melissa Martinz, amiga dela!

- Ah sim! – sua voz era tão robusta quanto sua aparência, talvez porque estivesse falando baixinho – Ana me falou de você! Sou Adriana, como você disse, mãe dela.

Sorri de maneira simpática e ela devolveu o sorriso. Pude ver a confusão ainda em seu rosto, principalmente quando parou para analisar o que eu vestia. Tentei me explicar:

- Aconteceu um terrível imprevisto ontem à noite e foi necessário que eu ficasse e dormisse aqui. Perdoe-me! – Ela assentiu.

- E que imprevisto foi esse, posso saber? – pelo seu olhar, acredito que ela desconfiava.

- Acredito que seria melhor se a Ana te contasse! Aposto que ela vai...

- Eu prefiro que você me conte. – ela me interrompeu – Ponha alguma coisa da Ana e vá até a cozinha para conversarmos melhor. Estou te esperando.

Eu tentei dizer o mínimo possível, fazendo de tudo para não queimar a Ana. Disse apenas o necessário, que eu passei mal – sem mencionar o motivo, mas tive certeza que ela deduziu isso sozinha – que precisei de ajuda e que não podia ir para casa naquele estado. Sem me esquecer, é claro, de implorar para que ela não contasse à minha tia. Eu mencionara o que ouvi a Ana dizer, de que minha tia queria falar com a senhora Barbel pela manhã. Ela me jurara que não contaria nada.

Havia me dado um chá gostoso que disse que curaria a dor de cabeça. Não sei do que era! Ela falou, mas não gravei. Não mencionei nada sobre a ressaca.

Então aqui estava eu, com uma calça jeans bem simples, com um rasgo no joelho – pegara essa de propósito, tentando usar coisas das quais tivesse certeza que Ana não ficaria com ciúmes – uma regata branca e chinelos havaianas; Tudo emprestado, tirado do armário da Ana, sem sua permissão, tomando café na mesa da cozinha da casa dela, conversando com a mãe dela, enquanto ela dormia. É isso que eu chamo de amizade.

Nós conversamos por mais ou menos meia-hora até a Ana aparecer de pijama e uma expressão sonolenta e alarmada. Ela nos fitou por um curto tempo antes de dar as costas com um resmungo inaudível e sair. Nem eu nem Adriana – como ela insistiu que eu a chamasse – entendemos nada. Depois rimos muito daquilo.

Era impressionante o quanto a Adriana lembrava uma adolescente. Suas atitudes, – pelo menos o que eu vi até agora – seu jeito de falar, andar, se vestir – Qual é, que tipo de mãe usa calça jeans com All Star de salto; uma regata rosa pink com desenhos de flores e um coquinho preto? Se ela e Ana fossem vistas juntas na rua seriam facilmente confundidas com irmãs. Só que o que mais me assustava nela era sua capacidade de me entender. Isso era o que mais a tornava uma adolescente no espírito.

- Vou ver o que foi isso! – disse entre as risadas. Levantei e fui até o quarto, onde encontrei a Pati, já vestida, sentada no chão esvaziando o colchão inflável e Ana no banheiro, se fitando no espelho, enquanto penteava o cabelo, ainda de pijama. Assumi um tom irônico:

- O que foi aquilo?

Ana não sorriu nem nada, apenas me fitou séria.

- Só queria saber onde estava. Que bom que me seguiu, agora feche a porta.

Obedeci. Não entendi o que estava acontecendo, o porquê dela estar tão séria e o que queria tanto me dizer para, aparentemente, me chamar de maneira tão esquisita na frente da mãe. Me sentei em sua cama enquanto ela marchava para o armário.

- Você se lembra de ontem? – Ela nem se virou. A Pati continuava quieta, cuidando do seu colchão.

- Sim! Tudo meio turvo e confuso, mas sim! – nem tentei me lembrar de novo, o chá ainda não tinha surtido efeito. Eu aproveitei a deixa – Que briga foi aquela que você falou, Pati?

- De uns dois meninos que eu *nunca* tinha visto na vida!

- Voltando ao assunto – Ana interrompeu – Então você se lembra do Caio, não é!? – aquilo nem havia vindo em minha mente, graças a Deus. Até Ana estragar tudo!

Como pude me esquecer do Caio? Que vergonha! Aquilo ontem foi tão constrangedor! Eu vomitei na frente dele. Eu agi como uma drogada na frente dele. Pior, eu *fiquei* drogada na frente dele. AH MEU DEUS!

Escancarei a boca, sem fala. Ana percebeu que demorei para responder e se virou, erguendo o rosto num gesto de triunfo. Um sorrisinho de “eu sabia” brincando nos cantos dos lábios.

- Imaginei! – ela começou a se trocar – Olha, o Caio foi um amor com você. Ele ficou aqui até as 4:30! – minha boca abriu mais ainda – E teria ficado mais, se não tivessem ligado para ele mandando que fosse embora!

Pati resolveu intervir:

- Sem contar no que ele te ajudou antes! Eu só sei o que os meninos me contaram; que ele te carregou até o banheiro, mandou chamar a Ana...

- Limpou seu rosto, muito mal, mas limpou; Te ajudou quando você vomitou...

- Está bem, já entendi, ele me ajudou muito! Não precisa entrar em detalhes, está só me desesperando mais! – Não era mentira!

- O que estamos querendo dizer... – A Pati começou.

- É que você realmente devia perdoá-lo! – E a Ana terminou

Não demorou muito para minha tia ligar, mas por sorte foi depois de explicarmos à Amanda o que falar, de forma que as histórias batessem. Ela veio me buscar antes do almoço, dizendo que já ficara muito tempo fora de casa. Não estava brava comigo nem nada, só pedira para que a história não se repetisse. Eu prometera que assim seria.

Eu pensei muito no que elas disseram, pensei mesmo. Foi meu tópico principal na hora do banho.

Agora eu estava jogada na minha cama, de pijamas, numa noite de sábado, pensando nessa de perdoar o Caio. Mas perdoar de que? O que ele fez de errado? Não foi convincente o suficiente? Não foi afobado e sedento? Ajudou-me quando eu precisei? Foi um fofo comigo?

O GAROTO NÃO FEZ NADA DE ERRADO!

Era ridículo da minha parte tratá-lo com tanto desprezo, principalmente se eu gosto dele. Porque, na verdade, eu gosto dele! Bastante. Eu não posso dizer se eu o amo ou não, mas sei que ele é especial para mim, assim como ele disse que eu era para ele. E não faz sentido eu ficar afastando-o se sei que ambos gostamos um do outro.

Estava mais do que decidida a dar mais uma chance a ele, definitivamente fui convencida.

Eu devia muito para a Ana e a Pati, muito mesmo. Eu fizera com que elas ligassem para um monte de gente até que chegasse ao Caio e combinar com todas essas pessoas de saírem hoje à noite. O pior foi convencer a minha tia a deixar. Por fim tive que lhe contar a verdade; que eu queria ir para consertar a burrada que tinha feito com um garoto, e sim, era o Caio, o menino do filme, naquele dia.

Então aqui estávamos: Ana, Pati, Flávio, Leandro e eu, mais dois meninos cujos nomes eu ainda não tinha decorado, Gabriele e Susana, da nossa sala. Todos no bar mais freqüentado da cidade por jovens como nós. E ainda nem sinal de Caio.

Quando eu perguntei *discretamente* ao Flávio, ele me garantiu que Caio viria e que devia estar chegando. Ele avisou que se atrasaria um pouco. Eu estava tentando não deixar o meu nervosismo explícito, só que não estava dando muito certo. Gabriele já me perguntou duas vezes se estava tudo bem. Eu disse que sim, mas não estava coisíssima nenhuma. Eu já estava me convencendo de que ele não viria, o que significava que eu estava quase quicando de desespero.

Queria socar alguém, quem sabe assim eu me acalmava, embora duvidasse que isso fosse funcionar. Além do mais, quem iria querer apanhar para me deixar mais calma? Papai vivia dizendo que tinha que arranjar um daqueles “João Bobo” para mim! Papai...

Como eu olhava em volta feito uma retardada, logo vi o Caio chegando. Subitamente fiquei mais nervosa do que já estava e comecei a apertar meu braço com tanta força embaixo da mesa que não duvidava que estivesse arrancando sangue.

Ele veio em direção da nossa mesa e eu me levantei antes que ele chegasse, pois seria mais embaraçoso ainda. Caio continuou andando, mas me olhando confuso. Até que parei diante dele.

- Precisamos conversar! – eu disse baixinho e mais baixo ainda – em particular.

Acho que ele entendeu, porque apenas assentiu com a cabeça e pegou no meu braço – afrouxando o meu aperto de aço – e me guiou para fora do bar. Eu apenas o segui, achando esquisito que *eu* tenha pedido para conversarmos em particular e *ele* tenha me levado para um lugar tranquilo. Fomos parar numa rua ao lado do bar, num lugar onde não passava quase ninguém.

Ele parou e ficou de novo diante de mim, me fitando com certa veemência, que me assustou um pouco. Eu não podia amarelar agora.

- Ah, eu estava pensando... – eu não sei o que falar! – é que bem eu... Pensei muito no que você me disse ontem de manhã e no que aconteceu de noite... E bem...

- Bem...? – Agora ele parecia impaciente, esperando pela minha resposta. Não era o único.

- Eu engoli! – eu disse por fim, depois de um curto e apressado suspiro.

- Como? – ele realmente não entendeu!

- O que você disse! – ele continuava confuso – Ontem, na aula...! – Não me obrigue a repetir, por favor, só não me obrigue a repetir.

Não foi necessário. O sorriso que ele deu deixou explícito que ele entendera o que queria dizer! Ele me envolveu em um abraço apertado, me erguendo no ar. Me soltou antes de falar:

- Que bom que você me falou logo! – a expressão triunfante e radiante era tão forte em seu rosto que me fez sorrir também! – isso vai nos livrar de um terrível desconforto!

Fiquei confusa! Ele botou a mão no bolso e tirou de lá uma caixinha preta de veludo em formato de coração. Eu abri a boca, mas palavra nenhuma saiu dela. Ele, como sempre, conseguiu me

roubar a fala! E ainda me deixar corada, podia sentir meu rosto quente.

- Você ia... Você pretendia...

-Te pedir em namoro na frente de todo mundo? É, pretendia.

Meu sorriso se ampliou! Aquilo era tão fofo! Ah, acho que vou gritar! Me pedir em namoro na frente de todo mundo... Era tão... LINDO!

- Então, Mel, quer namorar comigo?

Eu apenas balancei a cabeça positivamente, com um sorriso que espelhava o dele e ele me beijou.

Perseguida

Dois meses se passaram. Dois meses de namoro com o Caio. Dois meses de pura fofura e romantismo. Dois meses com uma tia sorridente e triunfante. Dois meses e minha avó achando que eu estava bem. Dois meses com as pessoas achando que eu enfim seguira em frente. Dois meses e todos errando.

Seis meses se passaram. Seis meses que meus pais e meu irmão faleceram. Seis meses sem o sorriso terno da minha mãe. Seis meses sem o doce beijo do meu pai na minha bochecha todas as manhãs. Seis meses sem as piadinhas sarcásticas e trocadilhos do meu irmão. Seis meses e todos achando que um dia, eu ficaria bem. Seis meses e todos errando.

Aquilo era tedioso, era mais que tedioso. Mesmo eu estando com o Caio. Quer dizer, que filme *terrível* para se comemorar um aniversário de dois meses de namoro. Terrível mesmo! Com tantos lugares legais para ir numa data especial, porque a gente tinha que vir logo no único cinema da cidade. O melhor filme do mundo se tornaria um saco com essa qualidade de imagem péssima e esse som tenebroso. Eu não fazia idéia do nome do filme e nem queria fazer, de maneira alguma! Eu queria mesmo é dar o fora dali.

Caio parecia achar o filme tão bom quanto eu, porque ele cochilava tranquilo com a cabeça apoiada no encosto do banco. Era tortura ele me largar vendo aquilo enquanto dormia sossegado.

Não resistindo aquele desaforo, dei um tapa bem dado no braço dele. Algumas pessoas olharam para trás curiosas, mas a minha carranca de raiva era tanta que elas logo foram cuidar de suas vidas. Caio levantou num pulo, mas nem falou nada, mesmo assim pude ouvir risinhos atrás de mim, que fiz questão de ignorar.

Ele olhou meu rosto e se assustou. Que bom, fico feliz em saber que meu rosto está como deveria estar. Eu o fuzilei com os olhos, e falei baixinho:

- Então é assim? Você dorme e me deixa assistindo essa merda de filme? – por um segundo, eu achei que iria esganar ele, no outro

tinha certeza, então me contive. Ele se ajeitou na poltrona.

- Desculpa, é que esse filme é tão...

- Tedioso? – fui sarcástica – Eu que o diga! Espero que ele ganhe o Oscar de filme para ninar!

Minha careta aumentou quando alguém fez um “Shiu” para mim.

- Quer sair daqui? – falou tão baixo que eu quase tive que ler seus lábios para entender.

- O que você acha? – Usei o mesmo tom de voz que ele.

Segundos depois estávamos, felizmente, do lado de fora do cinema, marchando de mãos dadas a caminho da minha casa.

- Desculpe! Se eu soubesse que o filme era assim tão chato...! – ele realmente parecia querer se desculpar.

- Tudo bem! – fui sincera – Eu que fui mal educada! É que hoje não está sendo meu dia, entende? Primeiro eu vou para fora na aula de Matemática e levo advertência, depois eu descubro que minha avó perdeu o ônibus... Foi demais para uma pessoa só.

A minha avó viria enfim me visitar e ficar para as férias de julho. Eu fizera tanta propaganda dessa vinda dela que até o Flávio sabia o dia e hora que ela chegaria. É que eu não a via há tanto tempo e revê-la seria ter de volta uma parte normal da minha antiga vida! Sem contar a saudade que sentia dela! Eu precisava ver minha avó com certa urgência. Só que ela me fizera o favor de perder o ônibus.

Vovó não gosta de dirigir, diz que não tem mais visão para isso. Então sempre que quer viajar para algum lugar, tem que ir ou de avião ou de ônibus e já que Luária fica a apenas 4 horas de São Paulo...

E sobre a aula de Matemática... Bom, a única coisa que eu tenho a declarar é que pedaços de papéis e Caio estão envolvidos. O que mais é necessário dizer?

Seguiu-se silêncio, mas não era desagradável. Não tínhamos nada para falar, então não falávamos nada, só isso. Toda aquela necessidade de assunto o tempo todo se fora desde quando começamos a namorar. Ficamos mais abertos um com o outro e então aquela sensação de desconfiança se fora totalmente.

O cinema não era muito longe da minha casa e logo estávamos diante da enorme garagem branca. Destranquei agilmente a porta,

mas antes de entrar eu me virei para o Caio com meu biquinho famoso por convencer as pessoas a fazerem o que eu quero e disse:

- Você vai entrar, não vai? – ele suspirou, mas assentiu.

Entrei e joguei a bolsa no sofá, esperando Caio entrar para fechar a porta e trancá-la. Minha tia papeava na cozinha, mas eu só ouvia a voz dela, então julguei que estivesse ao telefone.

Caminhei até onde ela estava para mostrar que era eu e beber um copo de água. Meus passos eram suaves e tranquilos, seguidos apenas pelos passos do Caio, que parecia meio tenso e cauteloso. Parei na cozinha e quase gritei... ou melhor, gritei:

- Vovó! – eu corri até ela e dei-lhe um grande abraço de urso. Tive que me controlar para não chorar. – Mas a senhora não tinha perdido o ônibus?

- É claro que não, querida! – aquela doce voz me respondeu. Era suave e tranquila, e já me ninara diversas vezes - Era só uma brincadeira para fazer uma surpresa a você!

Por fim, eu soltei-a e fiquei de frente para ela, observando-a melhor. Como sempre, mantinha os cabelos brancos como neve presos num coque bem feito e aquelas saias que desciam até o tornozelo – essa era marrom – e que raramente tinham tom ou vida. Um sapato típico de velhas, preto com meias três - quartos chocolate. Como sempre a blusa era de botões, colorida e florida, essa era azul com flores rosa. Ela era baixinha e rechonchuda, o que me deixava morrendo de vontade de apertar suas bochechas. Mas aparentava ser bem mais velha do que era. É, definitivamente era a minha avó!

Eu a abracei de novo, tentando apagar os seis meses de distância.

- Ah vovó, senti tanta saudade!

- Eu também querida!

Eu ri de novo. Vovó era ótima em contar piadas e se dera super bem com o Caio. É claro que meu irmão e ele teriam se dado mais ainda, mas... Bem, esqueça isso, agora é hora só de felicidade.

Vovó me disse que ficara super feliz em saber que eu estava me ajustando aqui em Luária e mais ainda que eu tinha arranjado um namorado. E depois complementou com o famoso “e ainda mais com

esse moço tão lindo e educado"! É claro que a vovó ia puxar saco, vovó sempre puxa saco! Até da penúltima namorada do meu irmão que era explicitamente uma vadia e só estava com ele pelos presentes que ele podia dar.

Vovó já revirara os armários da cozinha em busca de algo, como diz ela, comestível. Comestível para vovó é só porcaria! Quanto mais Doritos, melhor!

- Vou ao banheiro! – Caio disse e se levantou, retirando-se da cozinha.

Vovó estava em sua terceira expedição pela cozinha em busca de alimentos e eu continuei olhando para ela com um sorriso satisfeito. Era bom ter de volta algo normal.

- Raios! – ladrou ela, depois se sentou novamente na mesa e puxou a bolsa, mexendo dentro dela. Tirou uma nota de vinte e estendeu-a para mim – Filha querida vá até aquele mercadinho 24h que tem duas ruas para cima e me compre dois pacotes de macarrão instantâneo, por favor!

Peguei a nota rindo.

- Claro vovó!

Levantei-me e comecei a sair, mas não antes de ouvi-la dizendo:

- Não se esqueça de pegar para você e para o Caio e, lógico, do saco de Doritos! – Sorri secretamente. Como poderia me esquecer dos Doritos?

Saí pela porta da frente e me encolhi no casaco quando um vento frio me alcançou. O mercadinho era perto e ainda bem que era 24h! Só a vovó para me fazer ir a um mercado as 22:20 da noite! Então me veio algo à cabeça, essa era o pouco que sobrara da minha antiga avó. Eu não a conhecera muito bem, era muito pequena quando aconteceu. Tinha nove anos.

Foi meu avô. Bem, ele morreu. E como era de se imaginar, os dois eram muito apegados. A família toda ficou muito abalada com sua morte, foi tão de repente! Num dia ele estava ótimo de saúde, no outro, teve um infarto fulminante na cozinha. Assim, fácil, fácil!

Minha avó foi a que mais sofreu. Quando aconteceu, ela se trancou nessa forma que está hoje. Passou a usar roupas feias e

sem vida, a comer porcarias, ver TV e tricotar o dia todo. Perdeu grande parte do senso de humor e pouco sobrou da antiga Rosa.

Todos tentaram convencê-la a parar com aquilo, que seria a última coisa que vovô Charles iria querer, mas ela não ouvia. Trancou-se naquele mundo marrom e ficou por lá, onde está até hoje

É impressionante o quanto a morte de pessoas que amamos pode mexer com a gente. Pois é, eu sinto isso na pele todos os dias...

Entrei no mercado e tentei ser rápida e estratégica. Peguei uma cestinha e fui à seção de massas, onde peguei os macarrões instantâneos sem me importar muito com sabor. Peguei o maior saco de Doritos que tinha e fui para o caixa. O lugar estava vazio, o que significa que paguei tudo rápido e tratei de voltar para casa.

Eu mal tinha virado a primeira esquina quando vi os vultos.

Foi num ponto de luz, mais forte que o normal, que pude vê-los perfeitamente atrás de mim. Parei e me virei. Nada.

Continuei andando, convencendo-me de que era tudo fruto da minha imaginação. Mas depois eu os vi de novo e dessa vez não foi só vulto. Deu para ver o braço de um deles quando tentavam se esconder atrás de um poste.

Então eu corri. Corri o mais rápido que pude, numa velocidade que nunca julguei ser capaz. Mas eu sabia que eles me seguiam, podia ouvi-los perfeitamente. Olhei rapidamente para o lado enquanto virava uma esquina. Uma menina e um menino, foi tudo que vi.

Estava tão distraída com correr/ver quem me perseguia, que não percebi que tinha algo a minha frente, com o qual eu dei de cara. Antes que eu caísse no chão, fui segurada por braços fortes e suaves. Olhei para cima. Caio me fitava confuso.

- O que foi? – ele me pôs de pé e deu alguns passos, até estar de frente para a rua de onde eu acabara de vir. Eu o segui, curiosa e sem coragem de largá-lo. Nada. A rua estava vazia, mas Caio parecia não achar isso!

- Eles me seguiram – falei entre as arfadas lentas e arrastadas – eu corri! Estava com tanto... Medo!

Ele me abraçou firme e me guiou adiante. Só então notara que estava na rua da minha casa.

Uma coisa dançava em minha cabeça, uma coisa nada, nada legal! “*Vieram me buscar!*”

Despedaçada

Eu não era a única urrando de medo. Vovó e tia Jé também estavam. Todos pensavam o mesmo que eu, aparentemente, até Caio. Queríamos dar um fim nisso tudo. Respirar em paz de novo, o que significava que tinham policiais de São Paulo por todo lado. Pelo menos do meu lado. Caio e eu raramente ficávamos sozinhos e devo confessar que isso era muito irritante. A paz, nosso alvo principal, parecia longe de ser alcançada com esses caras me importunando. Realmente enchia. Mas como Vovó Rosa insistia, era necessário. Então que assim seja.

Era para ser um dia como qualquer outro, a chatice da escola, um monte de professores enchendo o saco por causa do vestibular, pessoas dormindo e deixando um ar sonolento pela sala... por sorte era sexta.

Eu e Caio voltávamos da escola num caminho totalmente diferente para ambos como sempre. Conversávamos animadamente sobre um livro que virara filme e estava em cartas aqui no Brasil. Era uma pena que os filmes e livros demorassem tanto para chegar, sempre quando vamos ler/ver, já tem pessoas comentando por toda parte, que já assistiram e sabem da história toda, sem contar na espera.

Até que o assunto acabou. Tinha um policial andando do outro lado da rua, tentando dar-nos privacidade. Bem, não estava dando certo. Conclui isso quando Caio se abaixou até sua boca estar a centímetros do meu ouvido:

- Hoje vamos sair só eu e você, sem esses caras! Precisamos urgente de privacidade e eu preciso conversar com você! – assumiu a postura normal.

Olhei para ele sério, era a primeira vez que o Caio vinha com essa de “conversar com você”, o que estava me deixando notavelmente nervosa. Dizem que quando um garoto quer conversar com você, é bem provável que ele te dê um chute. Eles sempre

tentam ser cuidadosos e carinhosos, mas sempre despedaçam seu coração em montes. Homens... sempre cruéis.

Pensei nisso o caminho todo para casa, sem me importar de conversar com Caio direito. Não, um chute agora não, por favor! Principalmente agora que estava quase confirmado que eu o amava. Agora não!

Não almocei, perdera totalmente o apetite, só corri para o meu quarto e puxei o telefone. Dessa vez tive sorte, a Ana atendeu bem rápido.

- Alô?

- Ana, me ajuda! – eu quase gritei!

- Calma garota! O que foi agora? O que o Caio fez? – ela já estava aprendendo!

- Ele disse que tinha que conversar comigo sem aqueles policiais! – eu estava quase em prantos.

- Como assim conversar?

- Exatamente! Acho que ele vai me chutar!

- Ah, não Mel! Não pode ser! Vocês ficam tão fofos juntos! Parece que ele realmente gosta de você! – ela falava aquilo em tom de argumento.

- Não é o que parece! – eu estava praticamente chorando.

- Calma, respira! – ela notou – vai ficar tudo bem! Talvez ele só queira conversar, conversinha de boa! Nada demais! Respira!

Eu assenti e sussurrei um “tchau” antes de desligar o telefone as pressas. Eu precisava chorar urgentemente.

Não sei quanto tempo fiquei chorando, só sei que quando dei por mim já eram 17:30. Caio dissera que passava aqui as 18:00. Me arrumei sem pressa, pondo as primeiras roupas que apareceram na minha frente e pareciam combinar. Não estava com muito humor para me trocar. Engraçado, não? É o que acontece quando alguém está prestes a levar um chute. Lindo!

Logo a campainha tocou.

- Deixa que eu atendo! – Gritei para minha tia.

Eu abri a porta, Caio entrou e me arrastou para o meu quarto. Fiquei confusa.

- O que você vai fazer? – perguntei, quando ele começou a ir em direção a janela.

- Shiu! Eu vou primeiro, depois você pula e eu te pego!

Dito isso, abriu a janela e pulou. Arregalei o olho e tive que me controlar para não dar um berro. Corri até a janela e me apoiei no peitoril.

Caio estava agarrado à enorme árvore que ficava em frente à minha janela, descendo-a com cuidado. Logo pousara no chão.

Ele olhou para cima:

- Vem, agora é sua vez! A barra ta limpa!

Eu quase não fui, juro que quase não fui. Mas eu queria acabar com isso. Levar um fora logo e depois chorar tranquila, me esbaldar de comer chocolate e essas coisas! Só queria que fosse rápido. Como tirar um curativo. Quanto mais ágil, menor é a dor!

Então eu tentei copiar seus passos. Subi no peitoril e quando percebi que ia cair pulei para me agarrar a um dos galhos da árvore. Fui descendo aos poucos, até que um dos galhinhos não sustentou meu peso e eu caí.

Teria me espatifado no chão se Caio não tivesse me segurado. É impressionante, eu estou sempre caindo e Caio sempre me segurando...

Ele me pôs no chão e nós saímos correndo pela rua de trás. Por sorte, não havia nenhum policial nela.

Corremos até a sorveteria mais próxima do bairro, onde eu esperei enquanto ele comprava casquinhas para nós dois.

Depois, fomos caminhando sem rumo, provavelmente em direção à praça. Eu não sei, só o seguia.

Seguiu-se um silêncio desconfortável que devo admitir que odiei. Ele nada falava e eu não tinha coragem de tocar no assunto.

Por fim foi necessário, ele estava começando a me dar nos nervos.

- Então – tentei agir normalmente, mas sei que não deu muito certo! Sou uma péssima mentirosa – sobre o que você tanto queria conversar?

Ele se virou de frente para mim e pôs as mãos no meu ombro – já tinha acabado o seu sorvete, eu é que sou muito lerda para comer.

Hesitou um pouco na hora de falar, abrindo e fechando a boca umas três vezes. Parecia que estava numa discussão interna, indeciso se falava ou não. Eu é que não iria atrapalhá-lo.

Por fim, ele resolveu dizer:

- Olha Mel, eu venho escondendo uma coisa terrível de você, uma coisa que eu não devia esconder!

Minha respiração começou a sair em arfadas de tão nervosa que estava.

- O quê? – tive que incitá-lo a falar, caso contrário, sei que ele não falaria. Enfiei todo meu sorvete na boca para poder xingar e bater nele de forma mais fácil.

Agora, ao invés de pensar que ele ia me chutar, eu passei a jurar que ele ia admitir que tinha outra. Ana esteve certa o tempo todo então, ela sempre está.

Ele continuou:

- É muito difícil lhe dizer isso! Tem a ver com seus pais e seu irmão.

Afastei-me e ele soltou seus braços do meu ombro.

- Sabe que não gosto de falar disso! – meus olhos começaram a se encher de lágrimas.

Então, além de terminar comigo, admitir que tinha outra, ele ia tocar na minha ferida também? É isso que eu chamo de crueldade.

- É sobre a minha família também!

Fiquei confusa, realmente confusa! Será que ele era meu primo e só queria dinheiro!? Que interesseiro!

- O quê...? – eu queria que ele falasse logo, chega de embolação.

- Bem, lembra que eu te contei sobre meu pai e meus irmãos? – Assenti e ele prosseguiu – Pois é, na verdade, meu pai pegava todas essas crianças na rua, porque ele queria algo em troca. Ele nos educava e treinava desde pequenos!

- Para quê? – porque ele não falava de uma vez?

- Para matarmos, Mel. Somos mercenários. As pessoas contratam meu pai e encomendam a morte de pessoas em troca de dinheiro. Então ele nos manda para fazer o trabalho sujo!

Dei outro passo hesitante, eu não era burra, já tinha entendido onde essa história iria chegar. As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto.

- Eu fui escolhido para matar a família Martinz, Mel. – também havia lágrimas em seus olhos, mas elas não caíram, apenas ficaram lá – Eu matei sua família!

- NÃO! – eu gritei, tentando fingir que ele não disse nada. Agora, eram tantas lágrimas que eu mal podia enxergar.

Ele apenas me ignorou.

- E faltou um, Mel. Faltou você. Então me mandaram para cá, para terminar o trabalho. Foi um empresário concorrente de seu pai, ele nos contratou e foi claro ao exigir que matássemos a família inteira. E eu vim, vim atrás de você!

Outro passo para trás. Ele era um monstro, mentiroso, um assassino. Ele matou minha família, matou meus pais, meu irmão.

Eu mal me importei com o fato de que eu estava certa o tempo todo – meu irmão não usava drogas, afinal!

Ele arrancou um pedaço de mim e agora veio arrancar o resto!

- Assassino! – eu sussurrei.

Ele caiu de joelhos, agora rolavam poucas lágrimas pelo seu rosto. Antes, aquela imagem teria me trazido dor. Agora me trazia repulsa.

- Não, Mel, não! Eu te amo, Mel, me perdoe. Eu fui obrigado, entenda!

- Assassino! – sussurrei de novo.

- Não, Mel! Por favor!

Ele se rastejou até meus pés, segurou um deles e eu chutei sua mão enquanto gritava:

- ASSASSINO!

E saí correndo. Corri o mais rápido que pude. Como se o vento pudesse soprar de mim tudo que eu ouvira agora, como se fosse retirar toda a dor existente em meu peito. Eu queria a minha vida de volta, a vida certa. Eu queria voltar para casa.

Tentada

Eu chorei como se não tivesse fim. Eu queria secar todo o meu corpo, tirar toda a água existente dentro dele, para ver se assim eu morria em paz. Queria matar aquele que me matava, assim como ele matou a minha família.

No entanto, eu o amava. E muito. Mas não podia tolerar. Não aquilo, não o que ele fez.

Eu preferia que ele tivesse terminado comigo, que tivesse me dito que tinha outra, que dissesse que era meu primo interesseiro. Fizesse tudo isso de uma só vez. Que tocasse na ferida, até podia ser. Mas que apenas tocasse e não a escancarasse mais ainda.

E pior, o que sobrara – que não era muito – pertencia a ele. Todo meu coração era dele, porque eu o amava. Eu o amava muito.

Porra de mercenário idiota que roubara o meu coração!

Eu queria chutar e socar alguém – e que esse alguém fosse ele, mas se fosse, em meio aos socos e aos chutes, eu pararia para beijá-lo e pedir perdão.

Mas não era para ele me perdoar, eu que deveria perdoá-lo e não estava muito disposta a fazer isso, não mesmo.

Eu devia contar tudo à polícia, dedá-lo, fazê-lo apodrecer na cadeia, como jurei que faria com o assassino de meus pais. Ele e aqueles irmãos e pai idiotas dele!

Minha tia ficara meia hora batendo na porta trancada do quarto perguntando por que eu estava chorando e por meia hora eu a ignorara.

Meu mundo doloroso era só meu e de mais ninguém! Ninguém tinha, e jamais teria permissão para entrar nele. Ninguém invadiria meu mundo.

E agora Caio era o principal tópico dele.

Toda a dor que eu sentia, toda o sofrimento que eu estava passando... Tudo! Era culpa dele!

Aquele assassino ordinário, lindo, maravilhoso.

Era tudo culpa dele, ele não só me fizera sofrer, como arrastara todos os meus parentes juntos. O Brasil todo estava em choque pelo massacre que acontecera em minha casa.

E era tudo culpa DELE!

DEUS COMO EU ODEIO AQUELE GAROTO!

DEUS COMO EU AMO AQUELE GAROTO!

Em desespero, para extravasar minha raiva, soquei diversas e diversas vezes o meu travesseiro encharcado de lágrimas, sem hesitar, até que comecei a arrancar penas dele, mas não parei. Aquilo era bom, principalmente porque eu não tinha vontade de parar e beijá-lo! Ah sim, principalmente!

Por fim eu cansei e dormi.

Quando acordei, estava claro, como se fosse meio-dia. Levantei-me. Minhas juntas estalaram e eu gemi de dor, mas não foi por causa delas.

A claridade ofuscante estava machucando meus olhos o que me deixou verdadeiramente estressada.

Fechei a janela com violência e acendi a luz quando tudo ficou escuro. Logo eu estava deitada em minha cama chorando de novo.

Mas dessa vez, não era por mim. Era pela minha tia e minha avó que tiveram a irmã/filha, o cunhado/genro, e o sobrinho/neto brutalmente assassinados. Pelo Caio.

Caio fizera aquilo, Caio. E sabe-se lá com quantas famílias mais. Tenho certeza absoluta de que não fui a única. 18 anos, treinado desde pequeno, dá para fazer muita coisa.

E eu o amava. Eu era tão suja a ponto de amá-lo. Eu me metera com gente estúpida como ele, mas mereço um desconto. Eu não sabia quando passei a amá-lo, não fazia idéia!

Mas ainda assim, eu o odiava. Um ódio tão profundo que transformou minha vida num inferno. No entanto, o amor que competia com esse ódio era tanto, que reinava.

E eu devia perdoá-lo. Eu queria perdoá-lo por isso. Eu só não sei se podia!

Perdoada

Três semanas se passaram desde a última vez que o vi. Quase um mês de pura indecisão! Quase um mês de pura solidão.

Eu voltara a ser um peso morto, porque o assunto foi voltando à tona como se tivesse acontecido há três semanas e não há quase sete meses.

Eram as férias de julho e, na próxima semana, as aulas voltariam. E então eu veria o Caio. Quer dizer, se ele voltar para a escola.

Eu estava pensando seriamente em procurá-lo. Estava pensando seriamente em ceder à minha vontade. Mas eu não sabia se podia, provavelmente não. Não era... natural, isso. Não era normal.

Dois dias depois de tudo acontecer encontrei uma carta para mim na caixa de correio, um pedaço de papel apenas com um número de telefone.

Minha tia e minha avó tentavam falar comigo direto, mas eu nada dizia. Elas, obviamente, entenderam que eu e Caio havíamos terminado e que eu estava seriamente abalada com isso.

Fiquei um dia inteiro imaginando e rindo sarcasticamente das coisas que elas deviam estar pensando sobre meu término com Caio! Se elas ao menos soubessem...

Todos os dias, quando eu acordava, olhava para o envelope e tinha que me controlar para não ligar. Eu só não sabia se era para polícia ou para ele.

Perdoá-lo ou não era um dilema que dançava em minha mente. Era tudo que eu queria fazer; acabar com isso logo. Por fim nessa história.

Faltando cinco dias para voltarem às aulas, estava sentada no sofá com a TV ligada – mas estava apenas ligada, eu não dava a mínima para o que passava nela – até que veio à cabeça uma coisa que minha mãe me dissera uma vez, quando eu quis dar um fora num menino que me paquerava, mas não sabia se devia.

“Siga seu coração, não importa onde ele te leve”

Então, se minha mãe estivesse aqui, ela iria querer que eu fosse atrás do Caio, eu tenho certeza. Ela diria para seguir meu coração, que me implorava para que eu o perdoasse.

Levantei-me num salto e fui até o quarto, batendo a porta atrás de mim. Puxei o envelope e liguei para o número dentro dele. Apenas disquei, não me importando para que número estava ligando.

Tocou três vezes antes de atenderem.

- Alô? – a voz de uma menina com tom infantil falou do outro lado da linha. Sem ciúmes, Mel, sem ciúmes!

- Ah... Posso falar com o Caio? – perguntei de forma direta. Por favor, que não perguntem meu nome... Rezei.

- Só um minuto.

Suspirei de alívio. Um grito abafado seguiu-se do outro lado da linha e logo outra voz gritou do mesmo jeito. O telefone foi desligado, ao mesmo tempo em que alguém falava:

- Alô? – Alguém, não! Eu conhecia essa voz perfeitamente. Ela era dona dos meus melhores sonhos e piores pesadelos.

- Me encontre em frente à sorveteria. – deixei minha voz sem expressão, para que ele não tirasse conclusões precipitadas. Ele sabia que sorveteria era.

- Ok! E, Ah... Mel! Foi minha irmã que atendeu o telefone!

Saí de casa sem avisar minha tia e caminhei a passos largos pela rua em direção a sorveteria, as cores do crepúsculo dançavam no céu.

Eu não sabia o que iria falar para ele. Só sabia sobre o que. Não queria me preocupar com isso enquanto não fosse a hora.

Por fim, cheguei à sorveteria e me apoiei na parede, disposta a esperá-lo, mas não por muito tempo.

Mais ou menos dois minutos depois, ele chegou. Ele arfava, como se tivesse corrido todo percurso até aqui. Gostei de vê-lo desesperado para falar comigo. Mas contive o sorriso.

Ele parou diante de mim, com esperança nos olhos. Tentei não pensar em como ele a arrancara dos olhos dos meus pais e do meu irmão.

Concentrei-me no que falar por um curto tempo, até que cheguei à conclusão de que não havia nada a ser dito.

Então, simplesmente, fiquei na ponta dos pés e encostei minha boca na sua!

Agredida

Eu não sei por que estava com ele, mas eu estava. Segurava a mão que ele usou para apunhalar minha mãe enquanto caminhávamos até a minha casa.

Era o segundo dia de aula e o clima estava tão chato que eu insistira que ele fosse lá para casa, assistir um filme qualquer. Antes iríamos passar na locadora.

Minha tia se assustara quando descobriu que tínhamos voltado, mas eu disse a ela que havíamos brigado, que eu me magoara, mas que estava tudo bem, porque voltamos e eu o amava. Simples assim.

Chegamos à locadora e não nos importamos muito com o filme. Nós o assistimos bem juntinho, para matar saudade.

Logo minha tia chegou e fez pipoca para nós e ficamos sentados na sala conversando por um bom tempo.

Isso parecia normal, mas não era. Eu estava conversando com o assassino dos nossos amados. Legal, não?

Caio se dava muito bem com a Tia Jé e ela não parecia guardar rancor algum dele. Isso era bom! Quer dizer que ela entendera que estávamos bem.

Logo o Caio olhou a hora e teve que ir. Eu fui com ele até a esquina.

- Então – perguntou ele – gostou do filme?

- É legal, mas nem prestei muita atenção! – Admiti.

- Que bom que finalmente acertei! – eu ri. Adorava esse jeito do Caio de deixar tudo mais engraçado.

Ele se curvou e me deu um selinho.

- Bom, até amanhã!

- Até!

Eu olhei enquanto ele caminhava, até virar a esquina. Por fim suspirei. Isso parecia tão certo e ao mesmo tempo tão errado. Eu já estava mais que farta de pensar nisso.

Dei as costas e comecei a voltar para casa, até que algo forte atingiu minha cabeça e tudo se apagou.

- Acho que ela está acordando – uma voz masculina soou pelo local!

- Fique quieto! – Essa voz era feminina... De onde eu conhecia essa voz?

Minha cabeça martelava e eu tentei me levantar com um pouco de dificuldade, minhas costas latejaram e eu gemi de dor.

Tentei mexer minhas mãos, mas não consegui, estavam amarradas. Quando tentei separar meus pés, percebi que também estavam. Algo forte estava amarrado ao redor da minha cabeça, tapando minha boca.

Abri o olho. Era um lugar sujo e caindo aos pedaços. As janelas estavam pregadas com tábuas de madeira, havia caixotes espalhados e ao longe pude ver um rato passando. Uma lâmpada estava presa com poucos fios acima de mim, era a única iluminação da sala.

No canto direito havia um menino – Alto, robusto, cabelos loiros e olhos negros. Sua pele era branca e pálida. Devia ter a mesma idade do Caio. Tinha ar de marmanjo, talvez fosse o cigarro em sua boca – e uma menina – cabelos mais negros que os do Caio, com enormes olhos castanhos. A pele era bem morena, quase negra. Tinha tamanho médio, 15, 16 anos no máximo.

De repente percebi de onde eu os conhecia, foram eles que me seguiram naquele dia.

Como se lesse meus pensamentos, a garota se aproximou e disse:

- Isso mesmo, você já deve ter nos reconhecido, fomos nós que te seguimos. – reconheci a voz dela, ela atendera ao telefone quando perdoei Caio - Posso te contar um segredo?

Ela se aproximou mais ainda e se curvou, até seus lábios ficarem a centímetros do meu ouvido.

– Fomos nós que batizamos sua bebida. – Depois se levantou e começou a andar de um lado para o outro – e também fomos nós que matamos aquele policial perto da sua escola!

Então ela deu um pulinho dramático para trás enquanto colocava a mão na boca, fingindo espanto.

- Opa, essa você não sabia! – depois abanou a mão para o lado – Ah, ia ficar sem saber mesmo.

O garoto deu um sorriso sarcástico e cruel e tirou o cigarro da boca:

- Na verdade *eu* matei! *Ela* só segurou enquanto *eu* dava as facadas.

Estremeci de medo e me encolhi mais na parede onde estava encostada. Eles não precisavam me dizer, eu sabia perfeitamente o que ia acontecer ali.

A garota riu, mas não sem antes abrir uma carranca para o menino. Eu queria gritar, mas o pano em minha boca não permitia.

- Bem, vamos direto ao assunto. – ela puxou uma faca que estava presa em seu cinto e lágrimas amedrontadas escorreram pelo meu rosto – Vamos te matar. Era para o Caio fazer isso, mas ele é um mongolóide com coração e se apaixonou por você, então vamos fazer o trabalho dele antes que ele morra por causa disso! – Ela deu um sorrisinho simpático, como se esperasse que eu a agradecesse por isso. – Além do mais, é divertido!

E com essa deixa veio em minha direção. Primeiro deu um chute em minha barriga, o que me fez cair de lado. Em desespero por fugir, apoiei meus pés na parede pegando impulso para longe. Eu sabia que isso só ampliaria minha dor e adiaria o inevitável, mas não morreria sem lutar.

A garota me alcançou em duas passadas e me chutou três vezes, antes de se abaixar e socar a minha cara. Eu espernei o máximo que pude – o que não era muito – tentando lutar com as mãos presas.

Ao lado, o garoto ria divertido, como se tudo aquilo fosse hilário. Não duvidava que para ele fosse.

Eu sabia que era inútil lutar, mas não parei. Durante toda a luta eu pensei em meus pais e meu irmão e em como seria bom vê-los de novo.

Eu sentiria falta de Caio, mas era melhor assim. Não era correto que ficássemos juntos, mas agora eu estava pagando o preço pelo meu grave erro. E ele pagaria o dele.

Não nos veríamos de novo, então concentrei meus pensamentos nele durante aqueles 5 minutos que passei apanhando. Assim era fácil suportar a dor, assim era possível aceitar a dor, mesmo que a chance de ignorá-la fosse inexistente.

Então, como se estivesse ouvindo meus pensamentos, a voz de Caio soou dentro da sala depois de um forte estrondo.

- Mas que raios...

Depois, não havia mais nada tampando minha boca e não tinha mais nada me causando mais dor.

Morta

Eu abri os olhos para entender o que se passava e me deparei com uma cena bem estranha.

Caio estava em cima da garota, jogada no chão, enquanto o garoto corria em direção a eles – a faca na mão da garota devia ter cortado o pano que me impedia de falar.

Não havia mais nada para causar dor, mas ela ainda era muito forte. Eu queria fazê-la parar! Faça parar!

O garoto tirou Caio de cima da menina, que se contorceu para pegar a faca que voara de sua mão.

Caio foi puxado - com muita dificuldade por parte do garoto – para longe, enquanto a menina pegava a faca e andava em minha direção.

A primeira foi, definitivamente, a que eu mais gritei. Quando a primeira facada atingiu minha barriga na parte direita, foi o momento em que mais gritei! Isso porque eu não estava preparada para aquilo. Não era só dor, era susto, misturado com medo e desgosto.

Eu gritei para afastar tudo que me incomodara naqueles longos sete meses. Eu gritei para afastar toda a mágoa, tristeza e rancor que me assolavam desde a morte da minha família. Gritei pelo sofrimento que causara à minha tia e minha avó. Foi um grito de dor e de protesto.

A segunda, ainda na barriga, um pouco abaixo da cintura, nem gritei tanto assim, principalmente porque eu estava concentrada em Caio, que chutava e esmurrava o garoto atrás de si, mais ainda não era o suficiente para fazê-lo largar.

E depois veio a terceira, a que eu menos gritei. Minha garganta já estava seca, eu estava sem forças... foi um gemido bem alto, o que mais expressou dor. Foi no peito, no meio exato, mas não acertou meu coração. Assim eu penso, porque ainda via, ainda respirava e, pior de tudo, eu ainda sentia dor, o que causava os meus fracos e seguidos gemidos.

Assim que gemi, Caio conseguiu dar uma cotovelada na virilha do garoto, o que o fez largá-lo e permitiu que ele corresse em minha direção.

Eu vi tudo. Vi quando ele pulou em cima da menina e a fez rolar pelo meu sangue. Vi quando ele a socou diversas vezes para imobilizá-la e pegar a faca. Vi quando ele enfiou a arma metálica no corpo da garota três vezes, a diferença é que a terceira acertou o coração.

O único grito que a garota deu, parecendo ser mais de ódio do que de dor, morreu assim que a faca lhe atingiu o peito e levando a vida da menina.

Caio jogou a faca longe e se levantou, vindo em minha direção.

Ajoelhou-se ao meu lado, sobre o meu sangue e deixou nossas lágrimas de fundirem na imensidão escarlate.

Ele encostou sua testa na minha, seus olhos e seu rosto estampados pela dor da perda, a mesma dor que ele me obrigara a sentir.

- Mel, fica comigo, Mel! – ele implorou – Aguenta! Por favor!

Mas eu não queria. Era tanta dor... cada terminação nervosa do meu corpo ardia e latejava de maneira dolorosa. Eu queria que a garota tivesse acertado meu coração e tivesse me matado de uma vez, ao invés de me deixar morrer aos poucos.

Tentei falar isso a ele, mas minha garganta estava seca demais e eu mal conseguia me mover de tanta dor.

Eu queria dizer a ele que o amava, que o amava muito e que ele nunca deveria se esquecer disso.

- Eu te amo, Mel!

Eu assenti e, ao invés de usar minha força para me manter acordada, eu a usei para dizer:

- Eu te amo, Caio – saiu esquisito e esganiçado, mas eu sei que ele entendeu.

E com isso, me deixei ir em paz, ansiando ir para um lugar onde não existisse dor, onde encontrasse minha família.

Eu fechei meus olhos e aceitei o meu destino.

Preso

Então Caio finalmente sentiu na pele o que fez sua amada sentir.

Ele ergueu o rosto e soltou um poderoso e doloroso grito de ódio, desejou amargamente que ainda não tivesse terminado de matar Lola para poder matá-la de novo.

- Cara – Ele ouviu a voz de Jorge, mas parecia tão distante – você a matou! Você matou a Lola!

Caio não gostou da forma como Jorge disse aquilo! Não era o que eles faziam, matavam, matavam e matavam?

- Ela a matou primeiro! – Protestou.

Olhou de rabo de olho para frente, onde viu o irmão adotivo ajoelhado diante do corpo de sua irmã adotiva, exatamente como estava com o corpo de sua amada.

Alegrou-se ao saber que infligira a Jorge a mesma dor que lhe foi infligida a ele, e ainda pelo próprio Jorge.

A sede de vingança parecia saciada. Agora, ele podia sofrer em paz.

Quando Mel se foi, levou junto de si grande parte do coração de Caio e agora ele lastimava essa dor.

Não queria seu coração de volta, ele era da Mel, assim como o dela era dele.

Ele só não sabia como iria seguir em frente sem tê-lo, mas sabia que acabaria dando um jeito.

Ele ficara feliz por ter sido inteligente o suficiente para deduzir que teria sido a esse prédio abandonado que trariam Mel, - sabia disso porque era para cá que sempre traziam as pessoas que precisavam ter informações arrancadas antes de serem mortas – queria vê-la partindo.

Lembrou-se, como se fosse ontem de quando seu pai o avisou que havia mais um trabalho, um pelo qual receberiam muito bem e que por isso, deveria ser muito bem feito.

Lembrou-se de como passara semanas observando a família em sua casa, seus afazeres. Cada passo que davam, para saber qual

seria a hora perfeita para atacar. Ele até se interessara um pouco pela filha mais nova, mas é claro que não demonstraria isso na hora de matá-la.

Organizara tudo. Pedira papélotes de maconha para um dos seus irmãos – o próprio Jorge – que era usuário. Planejava cada detalhe, cada passo dentro da casa para que nada os ligasse ao crime.

Faria com que parecesse que a culpa foi do filho mais velho, que usava drogas e não pagara a conta, fazendo os traficantes irem cobrá-lo. Mas, infelizmente, quando o traficante foi à casa, a encontrara cheia e teve que eliminar as provas. Simples assim.

Mas mesmo com tantos planos, algo saiu errado. Uma integrante da família Martinz – na verdade, a garota, não estava em casa. Seu pai ficara decepcionado quando soubera, confiava em Caio, até dizia que ele era o melhor de todos os seus filhos.

Caio havia sido o primeiro de todos, quando surgiu a mirabolante idéia na cabeça de Senhor Paulo – Seu “pai” – de treinar crianças para quando crescessem virassem assassinas, matando para que ele ganhasse dinheiro.

E agora aqui estava ele, tinha ido atrás de seu erro para consertá-lo. Enfiara-se numa cidadezinha que odiava, só para acabar logo com aquela chata história, pondo um fim no trabalho e fazendo o mega-empresário pagar seu pai.

E teria dado certo, se sua atração pela menina Martinz não o tivesse deixado curioso e ele não tivesse hesitado na perfeita hora de matá-la. E depois fora tarde demais, ele se apaixonara perdidamente por ela. Típico, não? Traíra toda sua família e suas crenças para ficar com aquela garota.

Mas os monstros como ele, não suportaram a idéia de deles encontrar a luz. Então o tiraram do caminho certo, deixando-o irado e obrigando-o a voltar para a escuridão.

Pensaram que, eliminando a bendita garota da jogada, Caio voltaria a ser perfeitamente como era antes; o menino sem coração que havia sido preparado para ser.

Ele pensara que seus irmãos eram melhores que aquilo, mais inteligentes, mais espertos. Mas se enganara. Os meninos não entendiam o propósito do amor, já que não o conheciam o amor. Para eles, o amor era uma figura de linguagem, um detalhe, nada mais que um... Exagero.

E só assim Caio fora capaz de perceber que a vida que seu pai lhe dera era tão terrível quanto viver nas ruas, ou até pior. Paulo seria muito mais honrado e sábio se, ao invés de dar àquelas crianças a sabedoria de assassinos, desse a elas a consciência do amor.

E a vida de Caio perdera o TOTAL sentido de uma hora para a outra. Ele não teria coragem de matar de novo, sabendo que sua amada era contra aquilo, mas sem ela, qual era a razão de tudo isso?

Qual seria o verdadeiro sentido de se continuar respirando, vivendo, se não há oxigênio no ar? Ceder não seria mais fácil? Não lhe pouparia mais dor do que já havia sido sentida?

Talvez se ele só desistisse, deixasse pra lá... Seria bem melhor! Largar mão da vida parecia ser tão mais fácil, tão mais simples. Talvez fosse essa a forma de resolver tudo isso, muito mais fácil do que continuar tentando...

Mas a Mel não iria querer que ele fizesse aquilo. Ela iria querer que ele seguisse em frente e superasse, assim como ela tentava fazer em relação à sua família.

Caio nunca antes se arrependera tanto de um trabalho como estava arrependido desse, nunca.

Sempre fazia o que tinha que ser feito, sem se preocupar com as emoções de ninguém. Por isso seu pai dizia a todos e também a ele que era o melhor. É claro que tudo deu errado quando essas emoções passaram a ser dele e não de outra pessoa.

Mel despertara completamente o seu lado humano. Um lado que ele julgou jamais ter. Ela fez voltar à tona os sentimentos de quando ele era apenas uma pequena criança, perdida e abandonada no mundo, sem ninguém.

E ele a perdeu. Ela e aquela adorável e correta parte humana que ele passara a gostar. Ele queria voltar atrás e nunca ter aceitado

viver com aquele homem de aparência tão bondosa. Nunca ter ido parar no beco que estava quando Paulo o encontrou, naquela noite tão fria e escura, triste e solitária...

Talvez assim, sua vida tivesse sido diferente, tivesse sido melhor. Ele até podia não ter encontrado a Mel, mas isso o teria poupado tanta dor, tanto caos...

Não! A Mel era a razão de sua vida e não encontrá-la seria o verdadeiro pesadelo. Ele só queria que não tivesse sido ela a pagar por seus erros e de sua família. Ela era apenas uma vítima, a maior de toda essa história!

Então, atrapalhando os devaneios de Caio, ouviu-se o barulho das sirenes da polícia soando mais perto do que era seguro. Caio sabia que Jorge entraria em desespero, então disse a ele, sem olhá-lo:

- Fuja daqui enquanto ainda pode. Eu cuido do resto. Fica tranquilo, não vou acusar ninguém.

- Mas... – Jorge protestou.

- Apenas vá! – Caio gritou, já farto do garoto.

Então seu irmão adotivo arrancou com as mãos a tábuas de uma das janelas e saiu por ela, no mesmo momento em que se podia ouvir os policiais entrando.

Caio apenas ficou ao lado de sua amada e esperou os policiais chegarem e lhe arrancarem de perto do corpo.

Não ligou quando foi algemado e arrastado para fora do condomínio, para dentro do carro.

Apenas fechou os olhos e aceitou o seu destino.

FIM

Biografia

Meu nome é Bruna Pereira Caetano, tenho 14 anos, curso o 9º ano do Ensino Fundamental no Colégio Objetivo NHN, em São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, onde nasci.

Desde o 4º ano, escrever tem sido uma de minhas paixões, e desde o 5º, ler também.

Nasci no dia 3 de fevereiro de 1997. Tenho origem italiana por parte de mãe e portuguesa por parte de pai.

Sou muito apegada à minha família e principalmente a animais. Tenho horror de Matemática e amor por História, apesar de não ter as melhores notas do mundo.

Meus ídolos literários são: Meg Cabot, Fernando Pessoa, Stephenie Meyer e Clarice Lispector.